

GABRIEL GARCÍA
MÁRQUEZ



Ninguém
escreve
ao
coronel



Gabriel
García
Márquez

NINGUÉM
ESCREVE
AO CORONEL

El coronel no tiene quien le escriba, 1961



Título

NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL

Título original

El coronel no tiene quien le escriba

Autor

Gabriel García Márquez

Tradução

José Colaço Barreiros

Tradução cedida por

Quetzal Editores

1961

BIBLIOTEX, S. L.

para esta edição

ABRIL/CONTROL JORNAL

Impressão Março de 2000

Sinopse

Com a novela *Ninguém escreve ao coronel* (1961), Gabriel García Márquez constrói um universo rico em emoções humanas, através de personagens inesquecíveis. O coronel e sua mulher perderam um filho, recebendo como herança um valioso galo de briga que se torna fonte de rendimento, mas também uma despesa quase insustentável. Na pobreza, vivendo a crédito, o coronel espera todas as sextas-feiras, durante quinze anos, a chegada da pensão prometida por um governo há muito derrubado.

Esta obra antecipa as qualidades literárias que culminam no romance *Cem Anos de Solidão* (1967). Em 1982, Garcia Márquez recebeu o Prêmio Nobel da Literatura.

...1



O coronel destapou a caixa do café e verificou que não havia mais que uma colherinha. Tirou a panela do fogão, despejou metade da água no chão de terra, e com uma faca raspou o interior da caixa para dentro da panela até se soltarem as últimas raspas de pó de café misturadas com ferrugem da lata.

Ao esperar que fervesse a infusão, sentado junto do fogareiro de barro numa atitude de confiada e inocente expectativa, o coronel teve a sensação de que lhe nasciam fungos e lírios venenosos nas tripas. Era Outubro. Uma manhã difícil de suportar, mesmo para um homem como ele que já sobreviviera a tantas manhãs como esta. Durante cinquenta e seis anos — desde que terminou a última guerra civil — o coronel não fizera outra coisa senão esperar. Outubro era uma das poucas coisas que chegavam.

A mulher ergueu o mosquiteiro quando o viu entrar no quarto com o café. Nessa noite tivera uma crise de asma e agora passava por um estado de torpor. Mas levantou-se para receber a xícara.

— E tu — disse.

— Já tomei — mentiu o coronel. — Ainda havia uma colherada grande.

Nesse momento, os sinos começaram a dobrar a finados. O coronel esquecera-se do enterro. Enquanto a mulher tomava o café, desprende a cama de rede por uma das pontas e enrolou-a pela outra, para trás da porta. A mulher pensou no morto.

— Nasceu em 1922 — disse ela. — Exatamente um mês depois do nosso filho. Em sete de Abril.

Continuou a sorver o café nos intervalos da respiração ofegante. Era uma mulher constituída apenas de cartilagens brancas por cima de uma espinha dorsal arqueada e inflexível. As perturbações respiratórias a obrigavam a perguntar afirmando. Quando terminou o café ainda estava pensando no morto.

— Deve ser horrível estar enterrado em Outubro — disse. Mas o marido não lhe prestou atenção. Abriu a janela. Outubro já se tinha instalado no pátio. Ao contemplar a vegetação que brotava em verdes intensos e os minúsculos buracos das minhocas no barro, o coronel voltou a sentir o mês aziago nos intestinos.

— Meus ossos estão úmidos — disse.

— É inverno — respondeu a mulher. — Desde que começou a chover que ando te dizendo para dormir de meia.

— Há uma semana que já durmo com elas.

Chovia pouco mas sem pausas. O coronel teria preferido se enrolar numa manta de lã e se meter outra vez na rede. Mas a insistência dos sinos rachados recordou-lhe o enterro.

— É outubro — murmurou, e caminhou para o meio do quarto. Só então se lembrou do galo amarrado no pé da cama. Era um galo de briga.

Depois de pôr a xícara na cozinha deu corda no relógio de pêndulo assente numa peanha de madeira lavrada. Ao contrário do quarto, demasiado estreito para a respiração de uma asmática, a sala era ampla, com quatro cadeiras de baloiço de fibra à volta de uma mesinha com uma toalha e um gato de gesso. Na parede oposta à do relógio, o quadro de uma mulher vestida de tule rodeada de cupidos numa barca coberta de rosas.

Eram sete e vinte quando acabou de dar corda ao relógio. A seguir levou o galo para a cozinha, atou-o a um pé do fogareiro,

mudou a água da gamela e pôs-lhe ao lado um punhado de milho. Entrou um grupo de crianças pela cerca sem cancela.

Sentaram-se em volta do galo, a contemplá-lo em silêncio.

— Não olhem mais para esse animal — disse o coronel. — Os galos se gastam de tanto olharem para eles.

As crianças não se mexeram. Um dos rapazes iniciou na harmônica os acordes de uma canção em voga.

— Não toque hoje — disse-lhe o coronel. — Há um morto na terra. — O rapaz guardou o instrumento no bolso das calças e o coronel foi ao quarto vestir-se para o enterro.

A roupa branca estava por passar a ferro por causa da asma da mulher, de maneira que o coronel teve que se decidir pelo velho terno preto que depois do casamento só usara em ocasiões muito especiais. Custou a encontrá-lo no fundo do baú, embrulhado em jornais e preservado das traças com bolinhas de naftalina. Deitada na cama, a mulher continuava a pensar no morto.

— Já deve ter encontrado Agustín — disse ela. — Talvez não lhe conte a situação em que ficamos depois da morte dele.

— A esta hora devem estar discutindo galos — comentou o coronel.

Encontrou no baú um chapéu de chuva enorme e antigo. Ganhara-o a mulher numa tômbola política destinada a angariar fundos para o partido do coronel. Nessa mesma noite assistiram a um espetáculo ao ar livre que não foi interrompido apesar da chuva. O coronel, a esposa e o filho Agustín — que na altura tinha oito anos — presenciaram o espetáculo até o fim, sentados debaixo do chapéu de chuva. Agora Agustín estava morto e o tecido de cetim brilhante tinha sido destruído pelas traças.

— Olha o que resta do nosso guarda-chuva de palhaço de circo — disse o coronel, usando uma antiga frase dela. Abriu por cima da cabeça um misterioso sistema de varetas metálicas. — Agora só serve para contar as estrelas.

Sorriu. Mas a mulher não se deu ao trabalho de olhar para o guarda-chuva.

— Está tudo assim — murmurou. — Estamos apodrecendo vivos.
— E fechou os olhos para pensar com mais intensidade no morto.

Depois de se barbear pelo tato — pois já não tinha espelho há muito tempo —, o coronel vestiu-se em silêncio. As calças, quase tão justas nas pernas como as ceroulas compridas, apertadas nos tornozelos com nós, seguravam na cintura com duas presilhas do mesmo tecido que passavam através de duas fivelas douradas costuradas na altura dos rins. Não usava cinto. A camisa cor de papelão velho, e dura como papelão, fechava com um botão de cobre que servia ao mesmo tempo para segurar o colarinho postiço. Mas o colarinho estava puído, de maneira que o coronel renunciou à gravata.

Fazia cada coisa como se fosse um ato transcendente. Os ossos das mãos estavam cobertos por uma pele brilhante e esticada, marcada pelas bexigas, assim como a pele do pescoço. Antes de pôr as botinas de verniz raspou o barro incrustado na costura. A mulher viu-o nesse instante, vestido como no dia do casamento. Só então verificou até que ponto o marido tinha envelhecido.

— Está arrumado como para um acontecimento — disse.

— Este enterro é um acontecimento — replicou o coronel. — É o primeiro de morte natural que temos desde há muitos anos.

Parou de chover depois das nove. O coronel dispunha-se a sair quando a mulher o agarrou pela manga do casaco.

— Penteie-se — disse ela.

Ele tentou dominar com um pente de corno as cerdas cor de aço. Mas foi um esforço inútil.

— Devo parecer um papagaio — comentou.

A mulher o examinou. Achou que não. O coronel não parecia papagaio nenhum. Era um homem seco, de ossos sólidos e

articulados que nem com parafuso e porca. Era a vitalidade dos seus olhos que fazia com que não parecesse conservado em formol.

— Assim está bem — admitiu ela, e acrescentou quando o marido já deixava o quarto:

— Pergunte ao doutor se nesta casa lhe jogamos água quente em cima.



Viviam na saída do povoado, numa casa de teto de palma com paredes de calça meio caída. A umidade continuava, mas já não chovia. O coronel desceu até a praça por uma rua de casas amontoadas. Ao desembocar na rua central teve um estremecimento. Até onde alcançava a sua vista, a terra estava atapetada de flores. Sentadas à porta das casas, as mulheres de preto esperavam o enterro.

Na praça começou outra vez a choviscar. O dono do salão de bilhar viu o coronel da porta e gritou-lhe com os braços abertos:

— Coronel, espere que lhe empresto um guarda-chuva.

O coronel respondeu sem virar a cabeça.

— Obrigado, vou bem assim.

Ainda não tinha saído o enterro. Os homens — vestidos de branco com gravatas pretas — conversavam na porta debaixo dos guarda-chuvas. Um deles viu o coronel pulando as poças de água da praça.

— Meta-se aqui, compadre — gritou.

Fez espaço debaixo do guarda-chuva.

— Obrigado, compadre — disse o coronel.

Mas não aceitou o convite. Entrou diretamente na casa para dar os pêsames à mãe do morto. A primeira coisa que sentiu foi o cheiro

de muitas flores diferentes. Depois começou o calor. O coronel tentou abrir caminho através da multidão bloqueada na alcova. Mas alguém lhe pôs uma mão no ombro, empurrando-o para o fundo do quarto pelo meio de uma galeria de rostos perplexos até o lugar em que se encontravam — profundas e dilatadas — as fossas nasais do morto.

Ali estava a mãe, afastando as moscas do ataúde com um leque de palmas entrançadas. Outras duas mulheres vestidas de preto contemplavam o cadáver com a mesma expressão com que se olha para a corrente de um rio. Imediatamente começou um vozear no fundo do quarto. O coronel arredou uma mulher, encontrou de perfil a mãe do morto e pôs-lhe uma mão no ombro. Cerrou os dentes.

— Os meus sentidos pêsames — disse.

Ela não voltou a cabeça. Abriu a boca e lançou um guincho. O coronel sobressaltou-se. Sentiu-se empurrado contra o cadáver por uma massa informe que irrompeu num vibrante alarido. Procurou apoio com as mãos, mas não encontrou a parede.

Havia outros corpos no lugar dela. Alguém lhe disse ao ouvido, devagar, com uma voz muito terna:

— Cuidado, coronel. — Virou a cabeça e deparou-se com o morto. Mas não o reconheceu porque era enérgico e ativo e agora parecia tão desconcertado como ele, envolvido em panos brancos e com o cornetim nas mãos. Quando levantou a cabeça à procura de ar por cima dos gritos, viu o caixão aos tombos em direção à porta, tapado por uma encosta de flores que se despedaçavam contra as paredes. Suou. Doíam-lhe as articulações. Um momento depois soube que estava na rua porque o chuvisco lhe feriu as pálpebras e alguém o agarrou pelo braço e lhe disse:

— Ande, compadre, estava esperando você.

Era D. Sabas, o padrinho de seu filho morto, o único dirigente do seu partido que escapara à perseguição política e continuava na

terra.

— Obrigado, compadre — disse o coronel, e caminhou em silêncio debaixo do guarda-chuva. A banda iniciou a marcha fúnebre. O coronel deu pela falta de um metal e pela primeira vez teve certeza de que o morto estava morto.

— Coitado — murmurou.

D. Sabas pigarreou. Segurava o guarda-chuva com a mão esquerda, com o cabo quase à altura da cabeça pois era mais baixo que o coronel. Os homens começaram a conversar quando o cortejo abandonou a praça. D. Sabas virou então para o coronel o rosto desconsolado, e disse:

— Compadre, então o galo?

— O galo lá está — respondeu o coronel.

Nesse instante ouviu-se um grito:

— Aonde vão com esse morto?

O coronel levantou os olhos. Viu o alcaide na varanda do quartel em atitude de discurso. Estava em ceroulas de flanela, com as bochechas por barbear muito inchadas. Os músicos suspenderam a marcha fúnebre. Um momento depois, o coronel reconheceu a voz do padre Angel a conversar aos gritos com o alcaide. Decifrou o diálogo através do crepitar da água sobre os chapéus de chuva.

— Então? — perguntou D. Sabas.

— Então nada — respondeu o coronel. — O enterro não pode passar à frente do quartel da Polícia.

— Tinha esquecido — exclamou D. Sabas. — Esqueço sempre de que estamos em estado de sítio.

— Mas isso não é uma insurreição — disse o coronel. — É um pobre músico morto.

O cortejo mudou de sentido. Nos bairros baixos, as mulheres viram-no passar roendo as unhas em silêncio. Mas depois saíram para o meio da rua e lançaram gritos de louvor, de gratidão e de despedida, como se julgassem que o morto as ouvia dentro do

ataúde. O coronel sentiu-se mal no cemitério. Quando D. Sabas o empurrou para o muro para dar passagem aos homens que transportavam o morto, voltou para ele a sua cara sorridente; mas deparou-se com um rosto duro.

— O que tem, compadre? — perguntou.

O coronel suspirou.

— É outubro, compadre.

Voltaram pela mesma rua. Tinha parado de chover. O céu ficou profundo, de um azul intenso. Já não chove mais, pensou o coronel, e sentiu-se melhor, mas continuou absorto. D. Sabas interrompeu-o.

— Compadre, vá ao médico.

— Não estou doente — disse o coronel. — O que acontece é que em outubro me sinto sempre como se tivesse bicho nas tripas.

— Ah — fez D. Sabas. E despediu-se na porta de casa, um edifício novo, de dois andares, com janelas de ferro forjado. O coronel dirigiu-se para a sua, ansioso por largar o traje de cerimônia. Voltou a sair um momento depois para comprar na loja da esquina uma lata de café e meia libra de milho para o galo.

...2



O coronel foi tratar do galo, apesar de ser quinta-feira e ter preferido ficar na rede. Não parou de chover durante vários dias. No decorrer da semana rebentou a flora das suas vísceras. Passou algumas noites sem dormir, atormentado pelos silvos pulmonares da asmática. Mas Outubro concedeu uma trégua na sexta-feira à tarde. Os companheiros de Agustín – mestres alfaiates como ele tinha sido, e fanáticos dos combates de galos – aproveitaram a ocasião para examinar o galo. Estava em forma.

O coronel voltou para o quarto quando ficou sozinho em casa com a mulher. Ela reagira.

— O que dizem eles — perguntou.

— Entusiasmados — informou o coronel. — Estão todos a juntar dinheiro para apostarem no galo.

— Não sei o que viram eles nesse galo tão feio — disse a mulher.

— Cá por mim acho-o um fenómeno: tem a cabeça muito pequenina para as patas.

— Eles dizem que é o melhor do Departamento — replicou o coronel. — Vale uns cinquenta pesos.

Teve a certeza de que este argumento justificava a sua determinação em conservar o galo, herança do filho varado de lado a

lado nove meses antes no pavilhão de lutas de galos, por distribuir propaganda clandestina.

— É uma ilusão que custa caro — disse a mulher. — Quando se acabar o milho, vamos ter de alimentá-lo com os nossos fígados. — O coronel demorou muito tempo a pensar enquanto procurava as calças de cotim no roupeiro.

— É por poucos meses — disse ele. — Já se sabe de certeza que vai haver combates em Janeiro. Depois podemos vendê-lo por melhor preço.

As calças estavam por engomar. A mulher passou-as em cima do fogão com duas placas de ferro aquecidas nas brasas.

— Para quê tanta pressa em ir à rua — perguntou.

— O correio.

— Tinha-me esquecido de que hoje é sexta-feira — comentou ela de volta para o quarto. O coronel estava vestido mas sem as calças. Ela observou-lhe os sapatos.

— Esses sapatos já só estão bons para deitar fora — disse. — Põe outra vez os botins de verniz.

O coronel sentiu-se desolado.

— Parecem sapatos de órfão — protestou. — Sempre que os calço, sinto-me fugido de um asilo.

— Nós somos órfãos do nosso filho — disse a mulher.

Também desta vez o persuadiu. O coronel dirigiu-se para o cais antes que palpitassem as lanchas. Botins de verniz, calças brancas sem cinto e a camisa sem o colarinho postiço, fechada em cima com o botão de cobre. Observou as manobras das lanchas da porta do armazém do sírio Moisés. Os viajantes desceram, esgotados ao fim de oito horas sem mudarem de posição. Os mesmos de sempre: vendedores ambulantes e a gente da terra que tinha saído na semana anterior e regressava à rotina.

A última foi a lancha do correio. O coronel viu-a atracar com um angustiante confrangimento. No tejadilho, amarrado aos tubos do

vapor e protegido com um oleado, descobriu o saco do correio. Quinze anos de espera haviam agudizado a sua intuição. O galo havia agudizado a sua ansiedade. A partir do instante em que o administrador dos correios subiu à lancha, desatou o saco e o pôs ao ombro, o coronel não tirou os olhos de cima dele.

Seguiu-o pela rua paralela ao cais, um labirinto de armazéns e barracas com mercadorias coloridas em exposição. Sempre que o fazia, o coronel sentia uma ansiedade muito diferente mas tão constrangedora como o terror. O médico esperava os jornais no posto do correio.

— A minha mulher manda perguntar-lhe se lá em casa lhe deitaram água quente, doutor — disse-lhe o coronel.

Era um médico jovem com o crânio coberto de lustrosos caracóis. Havia qualquer coisa de incrível na perfeição do seu sistema dentário. Interessou-se pela saúde da asmática.

O coronel forneceu uma informação pormenorizada sem descurar os movimentos do administrador que distribuía as cartas pelos compartimentos classificados. A sua indolente maneira de agir exasperava o coronel.

O médico recebeu a correspondência com o pacote dos jornais. Pôs de lado os boletins de propaganda médica. A seguir, leu superficialmente as cartas pessoais. Entretanto, o administrador distribuiu o correio pelos destinatários presentes. O coronel observou o compartimento que lhe correspondia na ordem alfabética. Uma carta aérea de bordos azuis aumentou a tensão dos seus nervos.

O médico quebrou o lacre dos jornais. Informou-se das notícias de destaque enquanto o coronel — de olhos fixos no seu compartimento — esperava que o administrador se detivesse diante dele. Mas não o fez. O médico interrompeu a leitura dos jornais. Olhou para o coronel. Depois para o administrador sentado à frente dos instrumentos do telégrafo e a seguir outra vez para o coronel.

— Vamos — disse.

O administrador não levantou a cabeça.

— Nada para o coronel — disse ele.

O coronel sentiu-se envergonhado.

— Não estava à espera de nada — mentiu. Lançou ao médico um olhar completamente infantil. — A mim ninguém me escreve.

Regressaram em silêncio. O médico concentrado nos jornais. O coronel com a sua maneira de andar habitual que mais parecia a de um homem que volta atrás à procura de uma moeda perdida.

Estava uma tarde brilhante. As amendoeiras da praça deixavam cair as suas últimas folhas apodrecidas. Começava a anoitecer quando chegaram à porta do consultório.

— Que notícias há? — perguntou o coronel.¹

O médico deu-lhe alguns jornais.

— Não se sabe — disse. — É difícil ler nas entrelinhas do que a censura permite publicar.

O coronel leu os títulos em destaque. Notícias internacionais. Em cima, a quatro colunas, uma crônica sobre a nacionalização do canal do Suez. A primeira página estava quase totalmente ocupada com os convites para um enterro.

— Não há esperança de eleições — disse o coronel.

— Não seja ingênuo, coronel — respondeu o médico. — Já somos muito crescidos para esperarmos pelo Messias.

O coronel tentou devolver-lhe os jornais, mas o médico opôs-se.

— Leve-os para casa — disse ele. — Leia esta noite e me devolva amanhã.

Um pouco depois das sete soaram na torre as badaladas da censura cinematográfica. O padre Ángel usava este meio para divulgar a qualificação moral do filme de acordo com a lista classificada que recebia todos os meses pelo correio. A mulher do coronel contou doze badaladas.

— Mau para todos — disse. — Há perto de um ano que os filmes são maus para todos. — Desceu o mosquiteiro e murmurou: — O mundo está corrompido. — Mas o coronel não fez nenhum comentário. Antes de se deitar, amarrou o galo ao pé da cama. Fechou a porta da casa e deitou insecticida no quarto de dormir. A seguir, pôs a candeia no chão, estendeu a rede e deitou-se a ler os jornais.

Leu-os por ordem cronológica e da primeira à última página, até mesmo os anúncios. Às onze tocou o clarim do toque de recolher. O coronel concluiu a leitura meia hora mais tarde, abriu a porta do pátio para a noite impenetrável e urinou contra a latada, acossado pelos mosquitos. A mulher estava acordada quando ele regressou ao quarto.

— Não dizem nada dos veteranos — perguntou.

— Nada — disse o coronel. Apagou a candeia antes de se meter na rede. — Ao princípio pelo menos ainda publicavam a lista dos novos pensionistas. Mas há uns cinco anos que não dizem nada.

Choveu depois da meia-noite. O coronel conciliou o sono mas acordou um momento depois, alarmado pelos seus intestinos. Descobriu uma goteira num ponto da casa. Enrolado até a cabeça numa manta de lã, tentou localizar a goteira na escuridão. Um fio de suor gelado escorregou-lhe pela coluna vertebral abaixo. Tinha febre. Sentiu-se a flutuar em círculos concêntricos dentro de um tanque de gelatina. Alguém falou. O coronel respondeu do seu catre de revolucionário.

— Com quem falas — perguntou a mulher.

— Com o inglês disfarçado de tigre que apareceu no acampamento do coronel Aureliano Buendía — respondeu o coronel. Remexeu-se na cama de rede, ardendo em febre.

— Era o duque de Marlborough.

Chegou à manhã esgotado. Ao segundo toque para a missa saltou da rede e instalou-se numa realidade turva alvoroçada pelo

cantar do galo. A cabeça ainda lhe andava à roda em círculos concêntricos. Sentiu náuseas. Saiu para o pátio e dirigiu-se para a retrete através do minucioso cochichar e dos sombrios odores do Inverno. O interior do compartimento de madeira com telhado de zinco estava rarefeito pelo vapor amoniacal da bacia. Quando o coronel levantou a tampa surgiu do fundo uma nuvem de moscas triangulares.

Era alarme falso. Acocorado na plataforma de tábuas, sem pestanejar, sentiu o constrangimento da ânsia frustrada. A aflição foi substituída por uma dor surda no tubo digestivo.

— Não há dúvida — murmurou. — Acontece-me sempre o mesmo em Outubro. — E assumiu a sua posição de confiada e inocente expectativa até se apaziguarem os fungos das vísceras. Então voltou ao quarto para tratar do galo.

— Esta noite estavas a delirar com febre — disse a mulher.

Tinha começado a arrumar o quarto, recomposta de uma semana de crises. O coronel fez um esforço para se lembrar.

— Não era febre — mentiu. — Era outra vez o sonho das teias de aranha.

Como acontecia sempre, a mulher saiu excitada da crise. No decorrer de toda a manhã virou a casa do avesso. Mudou o lugar das coisas todas, salvo o relógio e o quadro da ninfa. Era tão franzina e elástica que quando andava pela casa com as suas pantufas de pano e o terno preto inteiramente fechado parecia ter a virtude de passar através das paredes. Mas antes do meio-dia tinha recuperado a sua densidade, o seu peso humano. Na cama era um vazio. Agora, movendo-se pelo meio dos vasos de fetos e begônias, a sua presença transbordava da casa.

— Se Agustín estivesse vivo punha-me a cantar — disse, enquanto remexia a panela em que ferviam cortadas aos bocados todas as coisas de comer que a terra do trópico é capaz de produzir.

— Se te apetecer cantar, canta — disse o coronel. — Faz bem à bÍlis.

O médico veio depois do almoço. O coronel e a mulher bebiam café na cozinha quando ele empurrou a porta da rua e gritou:

— Morreram os doentes.

O coronel levantou-se para o receber.

— Assim é, doutor — disse-lhe, dirigindo-se para a sala. — Eu sempre disse que acerta o seu relógio pelo dos abutres.

A mulher foi para o quarto arranjar-se para o exame. O médico ficou na sala com o coronel. Apesar do calor, o seu terno de linho imaculado exalava um hálito de frescura. Quando a mulher anunciou que estava pronta, o médico entregou ao coronel três folhas de papel dentro de um envelope. Entrou no quarto, comentando:

— É o que os jornais de ontem não diziam.

O coronel já o supunha. Era uma síntese dos últimos acontecimentos nacionais impressa em estêncil para circulação clandestina. Revelações sobre o estado da resistência armada no interior do país. Sentiu-se desconcertado. Dez anos de informações clandestinas não lhe tinham ensinado que nenhuma notícia é mais surpreendente que a do último mês.

Já havia acabado de ler quando o médico regressou à sala.

— Esta doente está melhor que eu — disse ele.

— Com uma asma como a dela eu estaria bom para viver cem anos.

O coronel olhou-o sombriamente. Devolveu-lhe o envelope sem pronunciar uma palavra, mas o médico recusou-o.

— Faça-o circular — disse em voz baixa.

O coronel guardou o envelope no bolso das calças. A mulher saiu do quarto, dizendo:

— Um dia destes morro e levo-o para o inferno, doutor. — O médico respondeu em silêncio com o estereotipado esmalte dos seus

dentes. Puxou uma cadeira até a mesa e tirou da maleta vários frascos de amostras gratuitas. A mulher passou de largo para a cozinha.

— Espere, que lhe aqueço um café.

— Não, muito obrigado — disse o médico. Escreveu a dose numa folha do receituário. — Nego-lhe redondamente a oportunidade de me envenenar.

Ela riu-se na cozinha.

Quando acabou de escrever, o médico leu a receita em voz alta pois tinha consciência de que ninguém conseguia decifrar a sua escrita. O coronel tentou concentrar a atenção. Voltando da cozinha, a mulher descobriu-lhe no rosto os estragos da noite anterior.

— Esta madrugada teve febre — disse, referindo-se ao marido. — Esteve umas duas horas a dizer disparates da guerra civil.

O coronel sobressaltou-se.

— Não era febre — insistiu, recuperando a compostura. — Além disso — prosseguiu —, no dia em que me sentir mal não me ponho nas mãos de ninguém. Deito-me eu mesmo no caixote do lixo.

Foi ao quarto buscar os jornais.

— Obrigado pela piada — disse o médico.

Caminharam juntos até a praça. A atmosfera estava seca. O alcatrão das ruas começava a derreter-se com o calor. Quando o médico se despediu, o coronel perguntou-lhe em voz baixa, dentes cerrados:

— Quanto lhe devemos, doutor?

— Por agora nada — respondeu o médico, e deu-lhe uma palmada nas costas. — Depois lhe passarei uma conta bem grande, quando o galo ganhar.

O coronel dirigiu-se à alfaiataria para entregar a carta clandestina aos companheiros de Agustín. Era o seu único refúgio desde que os correligionários tinham sido mortos ou expulsos da terra, e ele se

transformou num homem solitário sem outra ocupação que não fosse esperar pelo correio todas as sextas-feiras.

O calor da tarde estimulou o dinamismo da mulher. Sentada no meio das begônias do corredor, junto de uma caixa de roupa que já não servia, fez outra vez o eterno milagre de obter peças novas do nada. Fez colarinhos de mangas e punhos de tecido das costas e remendos quadrados, perfeitos, embora com retalhos de cor diferente. Uma cigarra veio instalar-se com o seu assobio no pátio. O sol amadureceu. Mas ela não o viu agonizar por cima das begônias. Só levantou a cabeça ao anoitecer, quando o coronel voltou para casa. Então agarrou o pescoço com as duas mãos, desengonçou as articulações e disse:

— Tenho o cérebro rígido como um pau.

— Sempre o tiveste assim — disse o coronel, mas a seguir observou o corpo da mulher totalmente coberto de retalhos de cores.

— Pareces um pica-pau.

— Para te vestir tenho de picar pau que nem um carpinteiro — replicou ela. Estendeu uma camisa confeccionada com pano de três cores diferentes, salvo o colarinho e os punhos que eram da mesma cor. — No carnaval bastar-te-á tirar o casaco.

Interromperam-na as badaladas das seis.

— O anjo do Senhor anunciou a Maria — rezou em voz alta, dirigindo-se com a roupa para o quarto de dormir. O coronel conversou com as crianças que ao saírem da escola tinham vindo contemplar o galo. Depois lembrou-se de que não havia milho para o dia seguinte e foi ao quarto pedir dinheiro à mulher.

— Creio que já só nos restam cinquenta centavos — disse ela.

Guardava o dinheiro debaixo da esteira da cama, atado na ponta de um lenço. Era o produto da máquina de costura de Agustín. Durante nove meses tinham gasto esse dinheiro centavo a centavo, repartindo-o pelas suas próprias necessidades e pelas necessidades

do galo. Agora só havia duas moedas de vinte e uma de dez centavos.

— Compre uma libra de milho — disse a mulher. — Com o resto compras o café da manhã e quatro onças de queijo.

— E um elefante dourado para pendurar na porta — continuou o coronel. — Só o milho custa quarenta e dois.

Pensaram um momento.

— O galo é um animal e por isso mesmo pode esperar — disse a mulher ao princípio. Mas a expressão do marido obrigou-a a refletir. O coronel sentou-se na cama, de cotovelos apoiados nos joelhos, fazendo soar as moedas nas mãos. — Não é por mim — disse passado um momento. — Se dependesse de mim faria hoje mesmo galo de cabidela. Deve ser muito boa uma indigestão de cinquenta pesos. — Fez uma pausa para esmagar um mosquito no pescoço. Depois seguiu a mulher com os olhos à volta do quarto.

— O que me preocupa é que esses pobres rapazes estão a juntar dinheiro.

Então ela começou a pensar. Deu uma volta completa com a bomba do insecticida. O coronel descobriu qualquer coisa de irreal nos seus gestos, como se estivesse convocando, para os consultar, os espíritos da casa. Por fim, pôs a bomba no pequeno altar de litografias e fixou os seus olhos cor de amêndoa nos olhos cor de amêndoa do coronel.

— Compre o milho — disse ela. — Deus saberá o que havemos de fazer para nos arranjarmos.

...3



Este é o milagre da multiplicação dos pães, repetiu o coronel de cada vez que se sentaram à mesa no decorrer da semana seguinte. Com a sua assombrosa habilidade para compor, cerzir e remendar, ela parecia que tinha descoberto a solução para aguentar a economia doméstica no vazio. Outubro prolongou a trégua. A umidade foi substituída pela modorra. Reconfortada pelo sol de cobre, a mulher destinou três tardes ao seu laborioso penteado.

— Agora começa a missa cantada — disse o coronel na tarde em que ela desenredou os compridos cabelos azulados com um pente de dentes separados. Na segunda tarde, sentada no pátio com um lençol branco ao colo, utilizou um pente mais fino para tirar os piolhos que tinham proliferado durante a crise. Por fim, lavou a cabeça com alfazema, esperou que enxugasse e enrolou o cabelo na nuca em duas voltas seguras com um travessão. O coronel esperou. De noite, desperto na cama de rede, sofreu muitas horas pela sorte do galo. Mas na quarta-feira pesaram-no e estava em forma.

Nessa mesma tarde, quando os companheiros de Agustín abandonaram a casa fazendo alegres contas sobre a vitória do galo, também o coronel se sentiu em forma. A mulher cortou-lhe o cabelo.

— Tiraste-me vinte anos de cima — disse ele, examinando a cabeça com as mãos. A mulher pensou que o marido tinha razão.

— Quando estou bem, sou capaz de ressuscitar um morto — disse ela.

Mas a sua convicção durou pouquíssimas horas. Já não restava em casa nada que vender, tirando o relógio e o quadro. Na quinta-feira à noite, no último extremo dos recursos, a mulher manifestou a sua inquietude perante a situação.

— Não te preocupes — consolou-a o coronel. — Amanhã vem o correio.

No dia seguinte foi esperar as lanchas diante do consultório do médico.

— O avião é uma coisa maravilhosa — disse o coronel, de olhos fixos no saco do correio. — Dizem que pode chegar à Europa numa noite.

— Assim é — disse o médico, abanando-se com uma revista ilustrada. O coronel descortinou o administrador postal num grupo que esperava o final da manobra para saltar para a lancha. Foi ele o primeiro. Recebeu do capitão um sobrescrito lacrado. Depois subiu ao tejadilho. O saco do correio estava amarrado entre dois latões de petróleo.

— Mas não deixa de ter os seus perigos — disse o coronel. Perdeu de vista o administrador, mas recuperou-o no meio dos frascos de cores do carrinho dos refrescos. — Não é impunemente que a humanidade progride.

— Hoje em dia é mais seguro que uma lancha — respondeu o médico. — A vinte mil pés de altitude voa-se por cima das tempestades.

— Vinte mil pés — repetiu o coronel, perplexo, sem conceber a noção do número.

O médico interessou-se. Endireitou a revista com as duas mãos até conseguir uma imobilidade absoluta.

— Há uma estabilidade perfeita — disse.

Mas o coronel estava suspenso dos movimentos do administrador. Viu-o consumir um refresco de espuma rosada segurando o copo com a mão esquerda. Com a direita segurava o saco do correio.

— Além disso, no mar há barcos ancorados em permanente contato com os aviões noturnos — continuou a dizer o médico. — Com tantas precauções, é mais seguro que uma lancha.

O coronel olhou para ele.

— Sem dúvida — confirmou. — Deve ser como os tapetes.

O administrador veio ter diretamente com eles. O coronel retrocedeu, impelido por uma ansiedade irresistível, tentando decifrar o nome escrito no envelope lacrado. O administrador abriu o saco. Entregou ao médico o pacote dos jornais. A seguir, rasgou o envelope da correspondência privada, verificou a exatidão da remessa e leu nas cartas os nomes dos destinatários. O médico abriu os jornais.

— Ainda o problema do Suez — disse, lendo os títulos em destaque. — O Ocidente perde terreno.

O coronel não leu os títulos. Fez um esforço para reagir contra o seu estômago.

— Desde que há censura, os jornais não falam senão da Europa — disse. — O melhor será que os europeus venham para cá e que nós vamos para a Europa. Assim toda a gente ficará a saber o que se passa no seu respectivo país.

— Para os europeus, a América do Sul é um homem de bigodes, com uma guitarra e um revólver — disse o médico, a rir por cima do jornal. — Não compreendem o problema.

O administrador entregou-lhe a correspondência. Meteu o resto no saco e voltou a fechá-lo. O médico preparou-se para ler as cartas pessoais. Mas antes de rasgar os envelopes olhou para o coronel e depois para o administrador.

— Nada para o coronel?

O coronel sentiu o terror. O administrador pôs o saco ao ombro, desceu do passeio e respondeu sem virar a cabeça:

— Ninguém escreve ao coronel.

Contrariando o seu costume, não se dirigiu logo para casa. Tomou café na alfaiataria enquanto os companheiros de Agustín folheavam os jornais.

Sentia-se defraudado. Teria preferido permanecer ali até a sexta-feira seguinte para não se apresentar essa noite diante da mulher com as mãos vazias.

Mas quando fecharam a alfaiataria teve de enfrentar a realidade. A mulher esperava-o.

— Nada — perguntou.

— Nada — respondeu o coronel.

Na sexta-feira seguinte voltou às lanchas. E como todas as outras sextas-feiras regressou a casa sem a carta esperada.

— Já estamos fartos de esperar — disse-lhe essa noite a mulher.

— É preciso ter a paciência de boi que tu tens para esperar por uma carta durante quinze anos. — O coronel meteu-se na rede a ler os jornais.

— Tem de se esperar pela vez — disse ele. — O nosso número é o mil oitocentos e vinte e três.

— Desde que estamos à espera, esse número já saiu duas vezes na lotaria — replicou a mulher.

O coronel leu, como sempre, da primeira à última página, inclusivamente os anúncios. Mas desta vez não se concentrou. Durante a leitura pensou na sua pensão de veterano. Dezanove anos antes, quando o congresso promulgou a lei, iniciou-se um processo de justificação que durou oito anos. Depois precisou de mais seis anos para se fazer incluir na lista. Essa foi a última carta que o coronel recebeu.

Terminou depois do toque de recolher. Quando ia apagar a candeia, reparou que a mulher estava acordada.

— Ainda tens aquele recorte?

A mulher pensou.

— Sim. Deve estar com os outros papéis.

Saiu do mosquitoireiro e tirou do armário um cofre de madeira com um pacote de cartas ordenadas pelas datas e presas com um elástico. Localizou um anúncio de uma agência de advogados que se comprometia a uma gestão ativa das pensões de guerra.

— Desde que comecei a dizer que devia mudar de advogado já tínhamos tido tempo até de gastar a grana toda — disse a mulher, entregando ao marido o recorte do jornal. — Não ganhamos nada se a meterem no caixão como aos índios.

O coronel leu o recorte datado de há dois anos. Guardou-o no bolso da camisa pendurada atrás da porta.

— O pior é que para mudar de advogado é preciso dinheiro.

— Nada disso — decidiu a mulher. — Escreve-se-lhes a dizer que descontem o que for da pensão quando a receberem. É a única maneira de se interessarem pelo assunto.

Assim, no sábado à tarde o coronel foi ter com o seu advogado. Encontrou-o preguiçosamente deitado numa rede. Era um negro monumental, tendo apenas os dois caninos no maxilar superior. Meteu os pés numas pantufas de solas de madeira e abriu a janela do escritório por cima de uma poeirenta pianola com papéis metidos nos espaços dos rolos: recortes do Diário Oficial colados com goma em velhos cadernos de contabilidade e uma coleção salteada dos boletins das finanças. A pianola sem teclas servia ao mesmo tempo de secretária.

O coronel expôs a sua inquietação antes de revelar o propósito da visita.

— Eu o avisei logo de que não seria de um dia para o outro — disse o advogado numa pausa do coronel. Estava amarfanhado pelo

calor. Forçou para trás as costas da cadeira e abanou-se com um cartão de propaganda. — Os meus agentes me escrevem com frequência dizendo que não devemos desesperar.

— É a mesma coisa há quinze anos — replicou o coronel. — Começa a ficar parecido com a história do galo capão.

O advogado fez uma descrição muito gráfica dos labirintos administrativos. A cadeira era demasiado estreita para as suas nádegas outonais.

— Há quinze anos era mais fácil — disse ele. — Naquela época existia a associação municipal de veteranos composta por elementos dos dois partidos. — Encheu os pulmões com um ar abrasador e pronunciou a frase como se acabasse de a inventar: — A união faz a força.

— Neste caso não fez — disse o coronel, apercebendo-se pela primeira vez da sua solidão. — Todos os meus companheiros morreram à espera do correio.

O advogado não se alterou.

— A lei foi promulgada demasiado tarde — disse. — Nem todos tiveram a sua sorte, que foi coronel aos vinte anos. Além disso, não se incluiu uma verba especial, de maneira que o governo tem sido forçado a fazer remendos no orçamento.

Sempre a mesma história. Sempre que a ouvia, o coronel sentia um surdo ressentimento.

— Isto não é uma esmola — disse ele. — Não se trata de nos fazer um favor. Nós demos couro e cabelo para salvar a república. — O advogado abriu os braços.

— Assim é, coronel,- respondeu. — A ingratidão humana não tem limites.

Também esta história já o coronel conhecia. Tinha começado a ouvi-la no dia seguinte ao do tratado de Neerlândia quando o governo prometeu subsídios de viagem e indemnizações a duzentos oficiais da revolução. Acampado em torno da gigantesca mafumeira

de Neerlândia, um batalhão revolucionário, composto em grande parte de adolescentes fugidos da escola, esperou durante três meses. Depois regressaram às suas casas pelos próprios meios e aí continuaram à espera. Quase sessenta anos depois, ainda o coronel esperava.

Excitado pelas recordações, assumiu uma atitude transcendente, Apoiou no osso da coxa a mão direita – simples ossos cosidos com fibras nervosas – e murmurou:

– Pois eu decidi tomar uma resolução.

O advogado ficou em suspenso.

– O que quer dizer?

– Mudo de advogado.

Uma pata, seguida de vários patinhos amarelos, entrou no escritório. O advogado levantou-se para a pôr na rua.

– Como quiser, coronel – disse ele, espantando os animais. – Será como quiser. Se eu pudesse fazer milagres, não estaria a viver neste curral. – Pôs uma tranca de madeira na porta do pátio e voltou para a cadeira.

– O meu filho trabalhou toda a vida – disse o coronel. – A minha casa está hipotecada. A lei das reformas foi uma pensão vitalícia para os advogados.

– Para mim não – protestou o advogado. – Gastou-se até o último centavo nas diligências.

O coronel sofreu com a ideia de ter sido injusto.

– Não foi isso que eu quis dizer – corrigiu. Enxugou a fronte com a manga da camisa. – Com este calor até os parafusos da cabeça enferrujam.

Um momento depois, o advogado virou o escritório do avesso tentando encontrar a procuração.

O sol avançou até o centro do desmobilado compartimento construído com tábuas por aplainar.

Depois de procurar inutilmente por toda a parte, o advogado pôs-se de gatas, bufando, e tirou um rolo de papéis de baixo da pianola.

— Aqui está.

Entregou ao coronel uma folha de papel selado.

— Tenho de escrever aos meus agentes para que anulem as cópias — concluiu. O coronel sacudiu o pó e guardou a folha no bolso da camisa.

— Rasgue-a você mesmo — disse o advogado.

— Não — respondeu o coronel. — São vinte anos de recordações. — E esperou que o advogado continuasse a busca. Mas este não o fez. Foi até a rede limpando o suor. Daí olhou para o coronel através de uma atmosfera reverberante.

— Também preciso dos documentos — disse o coronel.

— De quais?

— A justificação.

O advogado abriu os braços.

— Isso é que será impossível, coronel.

O coronel alarmou-se. Como tesoureiro da revolução na circunscrição de Macondo tinha efetuado uma penosa viagem de seis dias com os fundos da guerra civil em dois baús atados ao lombo de uma mula. Chegou ao acampamento de Neerlândia arrastando a mula morta de fome meia-hora antes de se assinar o tratado. O coronel Aureliano Buendía — intendente-geral das forças revolucionárias no litoral atlântico — elaborou o recibo dos fundos e incluiu os dois baús no inventário da rendição.

— São documentos de um valor incalculável — disse o coronel.

— Há um recibo escrito pelo próprio punho do coronel Aureliano Buendía.

— De acordo — replicou o advogado. — Mas esses documentos já passaram por milhares e milhares de mãos em milhares e milhares

de repartições até chegarem sabe-se lá a que departamentos do Ministério da Guerra.

— Documentos dessa índole não podem passar despercebidos a nenhum funcionário — protestou o coronel.

— Mas nos últimos quinze anos já mudaram muitas vezes os funcionários — precisou o advogado. — Pense que já houve sete presidentes e que cada presidente alterou pelo menos dez vezes o seu gabinete e que cada ministro mudou os seus empregados pelo menos cem vezes.

— Mas ninguém pode ter levado os documentos para casa — objectou o coronel. — Cada novo funcionário deve tê-los encontrado no seu lugar.

O advogado ficou desesperado.

— Além disso, se esses papéis saírem agora do Ministério terão de se submeter a uma nova entrada para a lista de espera.

— Não importa — disse o coronel.

— Será questão de séculos.

— Não importa. Quem espera cem, também espera mais dez.

...4



Levou para a mesinha da sala um bloco de papel de linhas, a pena, o tinteiro e uma folha de mata-borrão, e deixou aberta a porta do quarto para o caso de ter de perguntar alguma coisa à mulher. Ela rezava o terço.

- A quantos estamos hoje?
- Vinte e sete de outubro.

Escreveu com uma compostura aplicada, pondo a mão com a pena na folha de mata-borrão, e a coluna vertebral direita, como lhe tinham ensinado na escola. O calor tornou-se insuportável na sala fechada. Caiu uma gota de suor na carta. O coronel enxugou-a com o mata-borrão. Depois tentou raspar as palavras desbotadas, mas fez um borrão. Não desesperou. Escreveu uma chamada e anotou à margem: direitos adquiridos. A seguir, leu todo o parágrafo.

- Em que dia me incluíram na lista?

A mulher não interrompeu a oração para pensar.

- Doze de agosto de 1949.

Um momento depois começou a chover. O coronel encheu uma folha de papel com grandes garatujas, um pouco infantis, as mesmas que lhe haviam ensinado na escola pública de Manaure. E depois uma segunda folha até meio, e assinou.

Leu a carta à mulher. Ela aprovou-a frase a frase com a cabeça. Quando terminou a leitura, o coronel fechou o envelope e apagou a candeia.

- Podias pedir a alguém que ta passasse à máquina.

— Não — respondeu o coronel. — Já estou farto de pedir favor.

Durante meia hora ouviu a chuva bater contra as palmas do telhado. O povoado alagou-se no dilúvio. Depois do toque de recolher começou a gotejar num sítio qualquer da casa.

— Isto já devia ter sido feito há muito tempo — disse a mulher.
— É sempre melhor se entender diretamente.

— Nunca é tarde — replicou o coronel, preocupado com a goteira. — Pode ser que esteja tudo resolvido quando vencer a hipoteca da casa.

— Faltam dois anos — disse a mulher.

Ele acendeu a candeia para localizar a goteira na sala. Pôs por baixo dela a gamela do galo e voltou para o quarto perseguido pelo ruído metálico da água na lata vazia.

— É possível que pelo interesse de ganharem o dinheiro resolvam tudo antes de Janeiro — continuou ele, e convenceu-se a si mesmo. — Por essa altura Agustín já terá feito um ano e poderemos ir ao cinema.

Ela riu em voz baixa.

— Já nem me lembro dos bonecos — disse.

O coronel tentou vê-la através do mosquitoireiro.

— Quando foi ao cinema pela última vez?

— Em 1931 — respondeu ela. — *A vontade do morto*.

— Tinha pancada?

— Nunca soube. Caiu um aguaceiro quando o vigarista tentava roubar o colar da garota.

Adormeceu-os o barulho da chuva. O coronel sentiu um ligeiro mal-estar nos intestinos. Mas não se alarmou. Estava prestes a sobreviver a um novo Outubro. Enrolou-se numa manta de lã e por um instante notou a ruidosa respiração da mulher — longínqua — navegando noutro sonho. Então falou, perfeitamente consciente.

A mulher acordou.

— Com quem está falando?

— Com ninguém — disse o coronel. — Estava a pensar que na reunião de Macondo tivemos razão quando dissemos ao coronel Aureliano Buendía que não se rendesse. Foi isso que deitou o mundo a perder.

Choveu toda a semana. Em dois de novembro — contra a vontade do coronel —, a mulher foi levar flores à campa de Agustín. Voltou do cemitério com outra crise. Foi uma semana duríssima. Mais dura que as quatro semanas de Outubro às quais o coronel julgara não sobreviver. O médico foi ver a doente e saiu do quarto a gritar:

— Com uma asma destas eu estaria capaz de enterrar a povoação toda. — Mas falou a sós com o coronel e prescreveu um regime especial.

Também o coronel sofreu uma recaída. Agonizou muitas horas na retrete, com suores frios, sentindo que apodrecia e lhe caía aos bocados a flora das vísceras.

— É o inverno — repetiu para si mesmo sem desesperar. — Tudo será diferente quando acabar de chover. — E acreditou realmente nisso, com a certeza de estar vivo no momento em que chegasse a carta.

Calhou a ele desta vez remendar a economia doméstica. Teve que cerrar os dentes muitas vezes para solicitar um crédito nas lojas vizinhas. “É só até a semana que vem”, dizia, sem ele mesmo estar seguro de que era verdade. “É um dinheirinho que já devia ter vindo na sexta-feira”. Quando saiu da crise, a mulher observou-o com espanto.

— Está só pele e osso — comentou.

— Estou me preparando para me vender — respondeu o coronel.
— Já fui encomendado por uma fábrica de clarinetes.

Mas na realidade apenas o sustinha a esperança da carta. Esgotado, com os ossos moídos pela vigília, não conseguia ocupar-se ao mesmo tempo das suas necessidades e do galo. Na segunda

quinzena de Novembro julgou que o animal iria morrer ao cabo de dois dias sem milho. Então lembrou-se de um punhado de feijões que pusera em Julho a secar por cima do fogareiro. Abriu as vagens e pôs ao galo uma lata de sementes secas.

— Vem cá — chamou ela.

— Um momento — respondeu o coronel, observando a reação do galo. — Boa boca está com fome...

Encontrou a mulher tentando se sentar na cama. O corpo gasto exalava um bafo de ervas medicinais. Ela pronunciou as palavras, uma a uma, com precisão calculada:

— Livre-se imediatamente desse galo.

O coronel já tinha previsto aquele momento. Esperava-o desde a tarde em que lhe mataram o filho e ele decidiu conservar o galo. Já tivera muito tempo para pensar.

— Já não vale a pena — respondeu. — Daqui a três meses serão as brigas e então podemos vendê-lo por melhor preço.

— Não é questão de dinheiro — retorquiu a mulher. — Quando vierem os rapazes diga-lhes que o levem e que façam com ele o que muito bem lhes apetecer.

— É por Agustín — disse o coronel com um argumento previsto.

— Imagina a cara com que ele viria comunicar-nos a vitória do galo.

A mulher pensou realmente no filho.

— Esses malditos galos foram a perdição dele — gritou. — Se a três de Janeiro tivesse ficado em casa não o teria apanhado a má hora. — Estendeu para a porta um dedo macilento e exclamou:

— Parece que adivinhava quando ele saiu com o galo debaixo do braço. Avisei-o de que tivesse cuidado, não lhe fosse acontecer alguma coisa no pavilhão dos galos, e ele mostrou-me os dentes e disse-me: “Cala-te, que esta tarde vamos ficar podres de ricos”.

Tombou extenuada. O coronel empurrou-a suavemente para a almofada. Os olhos dele esbarraram com outros olhos exatamente

iguais aos seus.

— Não te mexas — disse ele, sentindo os silvos dentro dos seus próprios pulmões. A mulher caiu num torpor momentâneo. Fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, a sua respiração parecia mais descansada.

— É pela situação em que estamos — disse ela. — É pecado tirarmos o pão da boca para o dar a um galo.

O coronel enxugou-lhe a fronte com o lençol.

— Ninguém morre em três meses.

— E entretanto o que comemos — perguntou a mulher.

— Não sei — respondeu o coronel. — Mas se tivéssemos de morrer de fome já estaríamos mortos.

O galo estava perfeitamente vivo diante da lata vazia. Quando viu o coronel emitiu um monólogo gutural, quase humano, e deitou a cabeça para trás. Ele deu-lhe um sorriso de cumplicidade:

— A vida é dura, camarada.

Saiu para a rua. Vagueou pela terra adormecida na hora da sesta, sem pensar em nada, nem sequer tentando convencer-se de que o seu problema não tinha solução. Andou por ruas esquecidas até se sentir esgotado. Então voltou para casa.

A mulher deu por ele entrar e chamou-o ao quarto.

— O que é?

Ela respondeu sem olhar para ele.

— Podemos vender o relógio.

O coronel já tinha pensado nisso.

— Tenho a certeza de que o Álvaro te dá logo quarenta pesos — disse a mulher. — Lembra-te da facilidade com que comprou a máquina de costura.

Referia-se ao alfaiate para quem Agustín trabalhara.

— Posso falar amanhã — admitiu o coronel.

— Que falar amanhã — protestou ela. — Pega agora mesmo o relógio, põe na mesa e diz: Álvaro, trago aqui este relógio para que o

compre. Ele entenderá logo.

O coronel sentiu-se infeliz.

— É como carregar o santo sepulcro — protestou. — Se me virem pela rua com um traste desses ainda me dão uma esmola.

Mas também desta vez a mulher o convenceu. Ela mesma tirou o relógio da parede, embrulhou-o em jornais e entregou nas mãos dele.

— Não volte para casa sem os quarenta pesos — disse. O coronel dirigiu-se para a alfaiataria com o embrulho embaixo do braço. Encontrou os companheiros de Agustín sentados na porta.

Um deles ofereceu-lhe o lugar. O coronel tinha as ideias confusas.

— Obrigado — respondeu. — Estou de passagem.

Álvaro saiu da alfaiataria. Num arame esticado entre dois ganchos de passadiço estendeu uma peça molhada. Era um rapaz de formas duras, angulosas, e olhos alucinados. Também ele o convidou a sentar-se. O coronel sentiu-se reconfortado. Encostou o banco ao batente da porta e sentou-se à espera de que Álvaro ficasse sozinho para lhe propor o negócio. Logo verificou que estava rodeado de rostos herméticos.

— Não interrompo? — perguntou.

Eles protestaram. Um inclinou-se para ele e disse, num tom mal perceptível:

— Agustín escreveu.

O coronel observou a rua deserta.

— O que diz?

— O mesmo de sempre.

Deram-lhe a folha clandestina. O coronel guardou-a no bolso das calças. Depois permaneceu em silêncio tamborilando com os dedos no embrulho até perceber que alguém tinha reparado nele. Ficou suspenso.

— O que leva aí, coronel?

O coronel evitou os penetrantes olhos verdes de Germán.

— Nada — mentiu. — Levo o relógio ao alemão para arranjar.
— Não seja bobo, coronel — disse Germán, tentando se apoderar do embrulho. — Espere que eu vejo.

Ele resistiu. Não disse nada, mas as suas pálpebras ficaram roxas. Os outros insistiram.

— Deixe-o ver, coronel. Ele sabe de mecânica.
— É que não quero incomodá-lo.
— Que incomodar nem meio incomodar — argumentou Germán. Pegou o relógio. — O alemão leva dez pesos e o deixa na mesma.

Entrou na alfaiataria com o relógio. Álvaro estava a coser à máquina. Ao fundo, por baixo de uma guitarra pendurada num prego, uma mulher pregava botões. Havia um letreiro posto em cima da guitarra: É proibido falar de política. O coronel sentiu faltarlhe o ar. Apoiou os pés na travessa do banco.

— Merda, coronel.

Sobressaltou-se.

— Nada de palavrões — disse.

Alfonso ajustou as lunetas ao nariz para examinar melhor os botins do coronel.

— É pelos sapatos — disse. — Estreou uns sapatos do carago.

— Mas pode-se dizer sem palavrões — replicou o coronel, e mostrou as solas dos botins de verniz. — Estes monstros têm quarenta anos e é a primeira vez que ouvem um palavrão.

— Já está — gritou Germán lá de dentro, no momento exato em que o relógio soava. Na casa ao lado, uma mulher bateu na parede divisória, e gritou:

— Deixem essa guitarra que Agustín ainda não fez um ano.

Explodiu uma gargalhada.

— É um relógio.

Germán saiu com o embrulho.

— Não era nada — disse. — Se quiser, acompanho-o a casa para o pôr ao nível.

O coronel recusou a oferta.

— Quanto te devo?

— Não se preocupe, coronel — respondeu Germán, ocupando o seu lugar no meio do grupo. — Em Janeiro o galo paga.

O coronel aproveitou a esperada ocasião.

— Proponho-te uma coisa — disse.

— O que é?

— Ofereço-te o galo. — Examinou os rostos à sua volta. — Ofereço-lhes o galo a todos.

Germán fitou-o perplexo.

— Já estou muito velho para isto — prosseguiu o coronel. Imprimiu à voz uma severidade convincente. — É demasiada responsabilidade para mim. Desde há dias que tenho a impressão de que esse animal está a morrer.

— Não se preocupe, coronel — disse Alfonso. — O que acontece é que nesta época o galo está com a plumagem a crescer. Tem febre nas penas.

— No mês que vem já estará bom — confirmou Germán.

— De qualquer maneira não o quero — reiterou o coronel.

Germán perscrutou-o com as pupilas.

— Veja bem as coisas, coronel — insistiu. — O importante é que seja o coronel a levar aos combates o galo de Agustín.

O coronel pensou.

— Estou a ver muito bem — respondeu. — Por isso o tive até agora. — Cerrou os dentes e sentiu-se com forças para avançar:

— O pior é que ainda faltam três meses.

Foi Germán quem compreendeu.

— Se é só por isso não há problemas — declarou.

E propôs a sua fórmula. Os outros aceitaram. Ao anoitecer, quando entrou em casa com o embrulho debaixo do braço, a mulher sofreu uma desilusão.

— Nada — perguntou.

— Nada — respondeu o coronel. — Mas agora não importa. Os rapazes vão encarregar-se de dar de comer ao galo.²

...5



— Espere que eu empresto-lhe um guarda-chuva, compadre.

D. Sabas abriu um armário embutido na parede do escritório. Descobriu um interior em confusão, com botas de montar em fila, estribos e arreios e uma caixa de alumínio cheia de esporas de cavaleiro. Pendurados na parte superior, meia dúzia de chapéus de chuva e uma sombrinha de mulher. O coronel pensou nos destroços de uma catástrofe.

— Obrigado, compadre — disse ele, debruçado à janela. — Prefiro esperar que escampe. — D. Sabas não fechou o armário. Instalou-se na mesa ao alcance do ventilador elétrico. A seguir, extraiu da gaveta uma seringa hipodérmica envolvida em algodão. O coronel contemplou as plúmbeas amendoeiras através da chuva. Estava uma tarde deserta.

— A chuva é diferente vista desta janela — comentou. — É como se estivesse a chover noutra terra.

— A chuva é chuva vista de qualquer parte — replicou D. Sabas. Pôs a seringa a ferver em cima do tampo de vidro da secretária. — Esta é uma terra de merda.

O coronel encolheu os ombros. Caminhou para o interior do escritório: um salão de ladrilhos verdes com móveis forrados de panos de cores vivas. Ao fundo, amontoados em desordem, sacos de sal, odres de mel e cadeiras desmontáveis. D. Sabas seguiu-o com um olhar completamente vazio.

— Eu no seu lugar não pensaria o mesmo — disse o coronel.

Sentou-se com as pernas cruzadas, fixando o olhar tranquilo no homem inclinado sobre a secretária. Um homem pequeno, volumoso mas de carnes flácidas, com uma tristeza de sapo nos olhos.

— Vá consultar o médico, compadre — disse D. Sabas. — Anda um tanto fúnebre desde o dia do enterro.

O coronel levantou a cabeça.

— Estou perfeitamente bem — respondeu.

D. Sabas esperou que a seringa fervesse.

— Oxalá eu pudesse dizer o mesmo — lamentou-se. — Bem-aventurado, que pode comer até um estribo de cobre. — Contemplou as costas das mãos peludas salpicadas de lunares pardacentos. Usava um anel de pedra negra por cima da aliança.

— Assim é — admitiu o coronel.

D. Sabas chamou a mulher através da porta que punha o escritório em comunicação com o resto da casa. Depois iniciou uma lastimosa explicação do seu regime alimentar. Tirou um frasquinho do bolso da camisa e pôs em cima da secretária uma pastilha branca do tamanho de um feijão.

— É um martírio andar com isto por todo o lado — disse. — É como trazer a morte no bolso.

O coronel aproximou-se da secretária. Examinou a pastilha na palma da mão até que D. Sabas o convidou a saboreá-la.

— É para adoçar o café — explicou-lhe. — É açúcar, mas sem açúcar.

— Evidentemente — disse o coronel, com a saliva impregnada de uma doçura triste. — É o mesmo que repicar mas sem sinos.

D. Sabas debruçou-se em cima da secretária com a cara entre as mãos depois de a mulher lhe ter dado a injeção. O coronel ficou sem saber o que havia de fazer com o seu corpo. A mulher desligou o ventilador, colocou-a em cima do cofre blindado e dirigiu-se para o armário.

— O chapéu de chuva tem muito a ver com a morte — disse ela.

O coronel não lhe deu atenção. Tinha saído de casa às quatro com o propósito de ir esperar o correio, mas a chuva obrigara-o a refugiar-se no escritório de D. Sabas. Ainda chovia quando apitaram as lanchas.

— Toda a gente diz que a morte é uma mulher — prosseguiu ela. Era corpulenta, mais alta que o marido, e com uma verruga peluda no lábio superior. Sua maneira de falar lembrava o zumbido do ventilador. — Mas a mim não me parece que seja uma mulher — insistiu. Fechou o armário e voltou a consultar os olhos do coronel:

— Eu creio que é um animal com pés de cabra.

— É possível — admitiu o coronel. — Às vezes sucedem coisas muito estranhas.

Pensou no administrador dos correios a saltar para a lancha com um impermeável de oleado. Havia passado um mês desde que mudara de advogado. Tinha o direito de esperar uma resposta. A mulher de D. Sabas continuou a falar da morte até que reparou na expressão absorta do coronel.

— Compadre — disse ela. — Deve estar com alguma preocupação.

O coronel recuperou o seu corpo.

— Assim é, comadre — mentiu. — Estou a pensar que já são cinco horas e que ainda não se deu a injeção no galo.

Ela ficou perplexa.

— Uma injeção num galo como se fosse um ser humano? — gritou. — Isso é um sacrilégio.

D. Sabas não aguentou mais. Levantou o rosto congestionado.

— Fecha a boca um minuto — ordenou à mulher. Ela com efeito levou as mãos à boca. — Há meia hora que estás a incomodar o meu compadre com os teus disparates.

— De maneira nenhuma — protestou o coronel.

A mulher saiu batendo com a porta. D. Sabas enxugou o pescoço com um lenço impregnado de lavanda. O coronel aproximou-se da

janela. Chovia implacavelmente. Uma galinha de grandes patas amarelas atravessou a praça.

— É verdade que estão a injetar o galo?

— É verdade — respondeu o coronel. — Os treinos começam na semana que vem.

— É uma temeridade — comentou D. Sabas. — Você já não está para essas coisas.

— De acordo — replicou o coronel. — Mas isso não é razão para lhe torcer o pescoço.

— É uma temeridade idiota — disse D. Sabas, dirigindo-se para a janela. O coronel notou nele uma respiração de fole. Os olhos do compadre faziam-lhe piedade.

— Siga o meu conselho, compadre — continuou D. Sabas. — Venda esse galo antes que seja demasiado tarde.

— Nunca é demasiado tarde para nada — retorquiu o coronel.

— Não seja teimoso — insistiu D. Sabas. — É um negócio em que ganha por dois lados. Por um, tira de cima de si essa dor de cabeça, e pelo outro mete novecentos pesos no bolso.

— Novecentos pesos! — exclamou o coronel.

— Novecentos pesos.

O coronel sopesou a quantia.

— Crê mesmo que irão dar esse dinheirão pelo galo?

— Qual creio? — replicou D. Sabas. — Tenho a certeza absoluta.

Era a quantia mais alta que o coronel já havia tido na cabeça depois de ter restituído os fundos da revolução.

Quando saiu do escritório de D. Sabas sentia uma forte contorção nas tripas, mas tinha a consciência de que desta vez não era por causa do tempo. No correio foi ter diretamente com o administrador.

— Estou à espera de uma carta urgente — disse ele. — É de avião.

O administrador procurou nos compartimentos classificados. Quando acabou de ler repôs as cartas na letra correspondente, mas

não disse nada. Sacudiu as palmas das mãos e dirigiu ao coronel um olhar significativo.

— Devia chegar hoje de certeza — disse o coronel.

O administrador encolheu os ombros.

— A única coisa que chega de certeza é a morte, coronel.

A mulher recebeu-o com um prato de papas de milho. Ele comeu-as em silêncio com longas pausas para pensar entre cada colherada. Sentada à frente dele, a mulher percebeu que alguma coisa tinha mudado em casa.

— O que tens — perguntou.

— Estou a pensar no funcionário de quem depende a pensão — mentiu o coronel. — Daqui a cinquenta anos nós estaremos muito descansados debaixo da terra enquanto esse pobre homem agonizará todas as sextas-feiras à espera da sua reforma.

— Mau sintoma — disse a mulher. — Isso quer dizer que já comesas a resignar-te. — Continuou a comer as papas. Mas um instante depois apercebeu-se de que o marido permanecia ausente.

— Agora o que deves fazer é aproveitar as papas.

— Estão muito boas — disse o coronel. — Onde vieram?

— Do galo — respondeu a mulher. — Os rapazes trouxeram-lhe tanto milho que ele decidiu reparti-lo connosco. É assim a vida.

— Assim é — suspirou o coronel. — A vida é a coisa melhor que já se inventou.

Olhou para o galo atado ao pé do fogareiro e desta vez pareceu-lhe um animal diferente. Também a mulher olhou para ele.

— Esta tarde tive de correr os garotos com um pau — disse ela. — Trouxeram uma galinha velha para a cruzarem com o galo.

— Não é a primeira vez — comentou o coronel. — É o mesmo que faziam nas aldeias com o coronel Aureliano Buendía. Levavam-lhe raparigas para cruzarem.

Ela celebrou a ocorrência. O galo produziu um som gutural que chegou até o corredor como uma surda conversação humana.

— Às vezes penso que este animal vai falar — disse a mulher.
O coronel voltou a olhar para ele.

— É um galo que é dinheiro em caixa — disse ele. Fez cálculos enquanto sorvia uma colherada de papas. — Vai dar-nos de comer durante três anos.

— As ilusões não se comem — respondeu ela.

— Não se comem, mas alimentam — retorquiu o coronel. — São uma coisa assim como as pastilhas milagrosas do meu compadre Sabas.

Dormiu mal essa noite, tentando riscar números de cabeça. No dia seguinte ao almoço, a mulher serviu dois pratos de papas de milho e consumiu o seu de cabeça baixa, sem pronunciar palavra. O coronel sentiu-se contagiado de um humor sombrio.

— O que tens?

— Nada — respondeu a mulher.

Ele teve a impressão de que agora lhe calhara a ela a vez de mentir. Tentou consolá-la. Mas a mulher insistiu.

— Não é nada de especial — exclamou. — Estou a pensar que o morto já vai fazer dois meses e ainda não dei os pêsames.

Por isso foi dá-los nessa noite. O coronel acompanhou-a a casa do morto e a seguir dirigiu-se ao salão de cinema atraído pela música dos altifalantes. Sentado à porta do seu gabinete, o padre Ángel vigiava a entrada para saber quem assistia ao espetáculo apesar das suas doces advertências. A luz a jorros, a música estridente e os gritos das crianças opunham como que uma barreira física. Um dos miúdos ameaçou o coronel com uma escopeta de pau.

— O que é feito do galo, coronel? — perguntou com voz autoritária.

O coronel levantou as mãos.

— Está aqui o galo!

Um cartaz a quatro cores ocupava totalmente a fachada do salão: Virgem da meia-noite. Era uma mulher em traje de dança com uma

perna descoberta até a coxa.

O coronel continuou a deambular pelas imediações até que de repente eclodiram trovões e relâmpagos longínquos. Então foi ter com a mulher.

Não estava em casa do morto. Na sua também não. O coronel calculou que já devia faltar pouquíssimo tempo para o toque de recolher, mas o relógio estava parado. Ficou à espera, sentindo a tempestade avançar na direção do povoado. Dispunha-se a sair de novo quando a mulher entrou em casa.

Levou o galo para o quarto. Ela mudou de roupa e foi beber água à sala no momento em que o coronel acabava de dar corda ao relógio e esperava o toque de recolher para o acertar.

— Onde estiveste? — perguntou o coronel.

— Por aí — respondeu a mulher. Pousou o copo no poial sem fitar o marido e voltou para o quarto. — Ninguém pensava que fosse chover tão cedo. — O coronel não fez nenhum comentário. Quando soou o toque, pôs o relógio nas onze, fechou o vidro e colocou a cadeira no lugar.

Encontrou a mulher rezando o terço.

— Não me respondeste a uma pergunta — disse o coronel.

— Qual.

— Onde estiveste?

— Fiquei por aí a conversar — insistiu ela. — Há tanto tempo que não saía à rua.

O coronel tirou a cama de rede. Fechou a casa e fumegou o quarto. A seguir, pôs a candeia no chão e deitou-se.

— Compreendo-te — disse ele tristemente. — O pior desta situação é obrigar uma pessoa a dizer mentiras.

Ela exalou um longo suspiro.

— Estive com o padre Ángel — murmurou. — Fui pedir-lhe um empréstimo sobre as alianças.

— E o que te disse ele?

— Que é pecado negociar com coisas sagradas.

Continuou a falar de dentro do mosquito.

— Há dois dias tentei vender o relógio — disse. Não interessa a ninguém porque estão a vender as prestações uns relógios modernos com números luminosos. Pode-se ver as horas mesmo às escuras. — O coronel verificou que quarenta anos de vida em comum, de fome em comum, de sofrimentos em comum, não lhe haviam chegado para conhecer a sua mulher. Sentiu que qualquer coisa tinha também envelhecido no amor.

— Também não querem o quadro — prosseguiu ela. — Quase toda a gente tem o mesmo. Estive ontem nos turcos.

O coronel ficou amargurado.

— De maneira que agora toda a gente sabe que estamos a morrer de fome.

— Estou farta — respondeu a mulher. — Os homens não se apercebem dos problemas da casa. Já várias vezes pus pedras a ferver para que os vizinhos não saibam que passamos muitos dias sem fazer comida.

O coronel sentiu-se ofendido.

— Isso é uma verdadeira humilhação — comentou.

A mulher abandonou o mosquito e dirigiu-se para a cama de rede.

— Estou disposta a acabar com os fingimentos e as contemplações nesta casa — disse. A sua voz começou a turvar-se de cólera. — Estou mais que farta de resignação e de dignidade.

O coronel não mexeu um músculo.

— Vinte anos à espera dos sapatos de defunto que te prometeram depois das eleições todas e de tudo isso só nos resta um filho morto — prosseguiu ela. — Nada mais que um filho morto.

O coronel estava habituado a esta espécie de recriminações.

— Cumprimos o nosso dever — disse ele.

— E eles cumpriram o deles de ganharem mil pesos por mês no senado durante vinte anos — replicou a mulher. — Aí tens o meu compadre Sabas com uma casa de dois pisos que não lhe chega para meter o dinheiro que tem, um homem que chegou cá à terra a vender remédios com uma cobra enrolada ao pescoço.

— Mas está a morrer de diabetes — contrapôs o coronel.

— E tu estás a morrer de fome — retorquiu a mulher. — Para que te convenças de que a dignidade não se come.

Interrompeu-a o relâmpago. O trovão estoirou na rua, entrou no quarto e passou a rodopiar por baixo da cama como um tropel de pedras. A mulher saltou para o mosquiteiro em busca do rosário.

O coronel sorriu.

— Isto acontece-te por não refreares essa língua — comentou. — Tenho-te dito sempre que Deus é meu correligionário.

Mas na realidade sentia-se amargurado. Um momento depois apagou a candeia e mergulhou pensativo numa escuridão cortada pelos relâmpagos. Lembrou-se de Macondo. O coronel esperou dez anos por que fossem cumpridas as promessas de Neerlândia. No torpor da sesta viu chegar um comboio amarelo e poeirento com homens e mulheres e animais meio asfixiados de calor, amontoados até o teto dos vagões. Era a febre da banana. Em vinte e quatro horas transformaram a terra.

— Vou-me embora — disse então o coronel. — O cheiro da banana desarranja-me os intestinos. — E abandonou Macondo num comboio de volta, numa quarta-feira, vinte e sete de Junho de mil novecentos e seis às duas e dezoito minutos da tarde. Precisou de meio século para se dar conta de que não tinha tido um minuto de sossego desde a rendição de Neerlândia.

Abriu os olhos.

— Então não há mais que pensar — proferiu.

— O quê?

— A questão do galo — respondeu o coronel. — Amanhã mesmo vendo-o ao meu compadre Sabas por novecentos pesos.

...6



Através da janela penetraram no escritório os gemidos dos animais capados misturados com os gritos de D. Sabas.

— Se não vier dentro de dez minutos, vou-me embora — prometeu a si mesmo o coronel, após duas horas de espera. Mas esperou mais vinte minutos. Dispunha-se a sair quando D. Sabas entrou no escritório seguido por um grupo de jornalheiros. Passou várias vezes à frente do coronel sem olhar para ele.

Só o descobriu quando saíram os jornalheiros.

— Está me esperando, compadre?

— Sim, compadre — respondeu o coronel. — Mas se está muito ocupado posso vir mais tarde.

D. Sabas já não o ouviu do outro lado da porta.

— Volto já — disse ele.

Era um meio-dia ardente. O escritório resplandecia com a reverberação da rua. Toldado pelo calor, o coronel fechou os olhos involuntariamente e começou logo a sonhar com a mulher. A esposa de D. Sabas entrou nas pontas dos pés.

— Não acorde, compadre — disse ela. — Vou fechar as persianas porque este escritório é um inferno.

O coronel seguiu-a com um olhar completamente inconsciente. Ela falou na penumbra quando fechou a janela.

— Sonha com muita frequência?

— Às vezes — respondeu o coronel, envergonhado por ter dormido. — Sonho quase sempre que me prendo em teias de aranha.

— Eu tenho pesadelos todas as noites — disse a mulher. — Agora dei de saber quem é essa gente desconhecida que uma pessoa vê nos sonhos.

Ligou o ventilador elétrica.

— Na semana passada apareceu uma mulher da cabeceira da cama — prosseguiu ela. — Atrevi-me a perguntar-lhe quem era e ela respondeu-me: Sou a mulher que morreu há doze anos neste quarto.

— A casa só foi construída há dois anos — contrapôs o coronel.

— Pois é — confirmou a mulher. — Isso quer dizer que até os mortos se enganam.

O zumbido do ventilador consolidou a penumbra. O coronel sentiu-se impaciente, atormentado pelo torpor e pela instável mulher que passou diretamente dos sonhos para o mistério da reencarnação. Esperava por uma pausa para se despedir quando D. Sabas entrou no escritório com o seu capataz.

— Já te aqueci a sopa quatro vezes — queixou-se a mulher.

— Se quiseres aquece-a dez vezes — replicou D. Sabas. — Mas agora não me dês cabo da paciência.

Abriu a caixa do dinheiro e entregou ao capataz um rolo de notas juntamente com uma série de instruções. O capataz puxou as persianas para contar o dinheiro. D. Sabas viu o coronel ao fundo do escritório mas não revelou a menor reação. Continuou a conversar com o capataz. O coronel levantou-se no momento em que os dois homens se preparavam para abandonar de novo o escritório. D. Sabas deteve-se antes de abrir a porta.

— O que é que o traz por cá, compadre?

O coronel verificou que o capataz o observava.

— Nada, compadre — respondeu. — Queria falar consigo.

— O que for, diga-me já — ordenou D. Sabas. — Não posso perder nem um minuto.

Permaneceu em suspenso com a mão apoiada no puxador da porta. O coronel sentiu passarem os cinco minutos mais compridos

da sua vida. Cerrou os dentes.

— É pela questão do galo — murmurou.

Então D. Sabas acabou de abrir a porta.

— A questão do galo — repetiu sorrindo, e empurrou o capataz para o corredor. — O mundo a acabar e o meu compadre pendente desse galo.

E a seguir, dirigindo-se ao coronel:

— Muito bem, compadre. Volto já.

O coronel permaneceu imóvel no meio do escritório até deixar de ouvir os passos dos dois homens na ponta do corredor.

Depois saiu e andou a vaguear pela terra paralisada na sexta dominical. Não havia ninguém na alfaiataria. O consultório do médico estava fechado. Ninguém vigiava a mercadoria exposta nos armazéns dos sírios. O rio era uma lâmina de aço. Um homem dormia no porto em cima de quatro barris de petróleo, com o rosto protegido do sol por um chapéu. O coronel dirigiu-se para casa com a certeza de que era a única coisa móvel no povoado.

A mulher esperava-o com um almoço completo.

— Foi fiado com a promessa de pagar amanhã cedo — explicou ela.

Durante o almoço, o coronel contou-lhe os incidentes das últimas três horas. Ela ouviu-o impaciente.

— O que acontece é que a ti te falta carácter — respondeu imediatamente. — Apresentas-te como se fosses pedir uma esmola quando devias entrar de cabeça erguida e chamar à parte o meu compadre e dizer-lhe: Compadre, decidi vender-lhe o galo.

— Assim a vida é fácil — replicou o coronel.

Ela assumiu uma atitude enérgica. Nessa manhã tinha posto a casa em ordem e estava vestida de uma maneira insólita, com os sapatos velhos do marido, um avental de oleado e um trapo atado à cabeça com dois nós nas orelhas.

— Não tens o menor sentido dos negócios — insistiu. — Quando se vai vender uma coisa tem de se fazer a mesma cara com que se vai comprar.

O coronel descobriu uma coisa divertida na sua figura.

— Fica assim como estás — interrompeu-a sorrindo. — Estás parecida com o homenzinho dos flocos de aveia Quaker.

Ela tirou o trapo da cabeça.

— Estou a falar contigo a sério — retorquiu. — Agora mesmo vou levar o galo ao meu compadre e aposto o que tu quiseres que regresso em menos de meia hora com os novecentos pesos.

— Subiram-te os zeros à cabeça — respondeu o coronel. — Já comesas a jogar com o dinheiro do galo.

Deu-lhe trabalho dissuadi-la. Ela dedicara a manhã a organizar mentalmente o programa de três anos sem a agonia das sextas-feiras. Preparou a casa para receber os novecentos pesos. Fez uma lista das coisas essenciais que lhes faltavam, sem esquecer um par de sapatos novos para o coronel. Destinou no quarto um sítio para o espelho. A momentânea frustração dos seus projetos causou-lhe uma confusa sensação de vergonha e de ressentimento.

Fez uma curta sesta. Quando se levantou, o coronel estava sentado no pátio.

— E agora o que vais fazer — perguntou-lhe.

— Estou a pensar — respondeu o coronel.

— Então está resolvido o problema. Já se poderá contar com esse dinheiro daqui a cinquenta anos.

Mas na realidade o coronel decidira vender o galo nessa mesma tarde. Pensou em D. Sabas, sozinho no seu escritório, preparando-se em frente do ventilador para a injeção diária. Já tinha previsto as respostas.

— Leva o galo — recomendou-lhe a mulher quando ele saía. — A cara do santo faz o milagre.

O coronel se opôs. Ela o perseguiu até a porta da rua com ansiedade desesperante.

— Não importa que tenha gente no escritório — insistiu. — Agarra-o por um braço e não deixa se mexer enquanto não te der os novecentos pesos.

— Vão achar que estamos preparando um assalto.

Ela não fez caso.

— Lembra que és o dono do galo — prosseguiu. — Lembra que estás fazendo um favor.

— Está bem.

D. Sabas estava com o médico no quarto.

— Aproveite agora, compadre — disse a mulher dele ao coronel. — O doutor está a preparar as coisas para ele viajar até a fazenda e só volta na quinta-feira.

O coronel debateu-se entre duas forças contrárias: apesar da sua determinação em vender o galo, desejava ter chegado uma hora mais tarde para já não encontrar D. Sabas.

— Posso esperar — respondeu.

Mas a mulher insistiu. Levou-o ao quarto onde estava o marido sentado na cama de dossel, em ceroulas, mantendo fixos no médico os olhos sem cor.

O coronel esperou que o médico aquecesse o tubo de vidro com a urina do paciente, cheirasse o vapor e fizesse a D. Sabas um sinal aprovador.

— Temos de fuzilar — disse o médico dirigindo-se ao coronel. — Os diabetes são demasiado lentos para acabar com os ricos.

— Você já fez os possíveis com as suas malditas injeções de insulina — replicou D. Sabas, e deu um salto sobre as suas nádegas flácidas. — Mas eu sou um osso duro de roer. — E a seguir, para o coronel:

— Vamos, compadre. Quando fui ter consigo esta tarde não encontrei nem o chapéu.

— Não o uso para não ter de o tirar diante de ninguém.

D. Sabas começou a vestir-se. O médico meteu no bolso do casaco um tubo de vidro com uma amostra de sangue. A seguir, arrumou a maleta. O coronel pensou que ele se preparava para se despedir.

— Eu no seu lugar passaria ao meu compadre uma conta de cem mil pesos, doutor — disse. — Assim não se preocuparia tanto.

— Já lhe propus o negócio, mas com um milhão — respondeu o médico. — A pobreza é o melhor remédio contra os diabetes:

— Obrigado pela receita — disse D. Sabas, tentando meter o volumoso ventre nas calças de montar. — Mas não a aceito para lhe evitar a si a calamidade de ser rico. — O médico viu os seus próprios dentes reflectidos no fecho niquelado da maleta. Olhou para o relógio sem manifestar impaciência. Na altura de pôr as botas, D. Sabas dirigiu-se intempestivamente ao coronel.

— Bom, compadre, o que é há com o galo?

O coronel percebeu que o médico também estava suspenso da sua resposta. Cerrou os dentes.

— Nada, compadre — murmurou. — É que venho vendê-lo.

D. Sabas acabou de calçar as botas.

— Muito bem, compadre — disse sem emoção. — É a coisa mais sensata que podia ocorrer.

— Já estou muito velho para essas complicações — justificou-se o coronel perante a expressão impenetrável do médico. — Se eu tivesse vinte anos a menos seria diferente.

— Você terá sempre vinte anos a menos — replicou o médico.

O coronel recuperou o alento. Esperou que D. Sabas dissesse mais alguma coisa, mas este não o fez. Vestiu uma jaqueta de couro com fecho de correr e preparou-se para sair do quarto.

— Se quiser, falamos para a semana que vem — sugeriu o coronel.

— Era o que eu ia dizer-lhe — respondeu D. Sabas. — Tenho um cliente que talvez lhe dê quatrocentos pesos. Mas temos de esperar

até quinta-feira.

— Quanto? — perguntou o médico.

— Quatrocentos pesos.

— Eu tinha ouvido dizer que valia muito mais — contrapôs o médico.

— Falou-me de novecentos pesos — disse o coronel, amparado pela perplexidade do doutor. — É o melhor galo de todo o Departamento.

D. Sabas respondeu ao médico.

— Noutros tempos qualquer um daria mil por ele — explicou. — Mas agora ninguém se atreve a mandar um bom galo. Há sempre o risco de se sair morto do pavilhão. — Virou-se para o coronel com aplicada desolação:

— Foi o que eu quis dizer-lhe, compadre.

O coronel aprovou com a cabeça.

— Bom — disse.

Seguiu-o pelo corredor fora. O médico ficou na sala retido pela mulher de D. Sabas que lhe pediu um remédio para essas coisas que dão de repente a uma pessoa e que não se sabe o que é. O coronel esperou por ele no escritório. D. Sabas abriu a caixa-forte, meteu dinheiro em todos os bolsos e estendeu quatro notas ao coronel.

— Aqui tem sessenta pesos, compadre — disse ele. — Quando vender o galo, faremos contas.

O coronel acompanhou o médico através dos bazares do porto que começavam a reviver com o fresco da tarde. Uma barça carregada de cana-de-açúcar descia ao sabor da corrente. O coronel sentiu no médico um hermetismo insólito.

— E você como está, doutor?

O médico encolheu os ombros.

— Regular — respondeu. — Creio que estou a precisar de um médico.

— É o Inverno — comentou o coronel. — A mim desarranja-me os intestinos.

O médico examinou-o com um olhar absolutamente desprovido de interesse profissional. Foi cumprimentando sucessivamente os sírios sentados à porta dos seus armazéns. Ao chegarem à porta do consultório, o coronel expôs a sua opinião sobre a venda do galo.

— Não podia fazer outra coisa — explicou. — Esse animal alimenta-se de carne humana.

— O único animal que se alimenta de carne humana é D. Sabas — replicou o médico. — Tenho certeza de que vai revender o galo por novecentos pesos.

— Acha?

— Tenho certeza — disse o médico. — É um negócio tão certo quanto o famoso pato patriótico com o alcaide.

O coronel resistiu a acreditar.

— Meu compadre fez esse pato para salvar a pele — respondeu. — Por isso é que pôde ficar aqui na terra.

— E por isso pôde comprar por metade do preço os bens dos próprios correligionários que o alcaide expulsou da terra — retorquiu o médico. Chamou alguém que lhe abrisse a porta pois não encontrou as chaves nos bolsos. A seguir, enfrentou a incredulidade do coronel.

— Não seja ingênuo — disse-lhe. — D. Sabas se interessa muito mais por dinheiro do que pela própria pele.

A mulher do coronel saiu às compras nessa noite. Ele acompanhou-a aos armazéns dos sírios, ruminando as revelações do médico.

— Vai já ter com os rapazes e diz-lhes que o galo está vendido — disse-lhe ela. — Não se deve deixá-los na ilusão.

— O galo não estará vendido enquanto não vier o meu compadre Sabas — respondeu o coronel.

Encontrou Álvaro a jogar a roleta no salão de bilhar. O estabelecimento escaldava na noite de domingo. O calor parecia mais intenso por causa das vibrações do rádio a todo o volume. O coronel entreteve-se com os números de cores vivas pintados num comprido tapete de oleado preto e iluminados por uma lanterna de petróleo posta em cima de um caixote no centro da mesa. Álvaro teimou em perder no vinte e três. Seguindo o jogo por cima do ombro dele, o coronel observou que o onze saiu quatro vezes em nove voltas.

— Aposta no onze — murmurou ao ouvido de Álvaro. — É o que sai mais.

Álvaro examinou o tapete. Não apostou na volta seguinte. Tirou o dinheiro do bolso das calças, e juntamente com o dinheiro uma folha de papel. Deu-a ao coronel por baixo da mesa.

— É de Agustín — disse.

O coronel guardou no bolso a folha clandestina. Álvaro apostou forte no onze.

— Começa por pouco — aconselhou o coronel.

— Pode ser um bom palpite — replicou Álvaro. Um grupo de jogadores ao lado retirou as apostas de outros números e todos apostaram no onze quando já havia começado a girar a enorme roda de cores. O coronel sentiu-se oprimido. Pela primeira vez experimentou a fascinação, o sobressalto e a amargura do azar.

Saiu o cinco.

— Lamento — disse o coronel envergonhado, e seguiu com um irresistível sentimento de culpa a pá de madeira que levou o dinheiro de Álvaro. — É o que acontece por me meter onde não sou chamado.

Álvaro sorriu sem olhar para ele.

— Não se preocupe, coronel. Experimente no amor.

De repente interromperam-se as trompetes do mambo. Os jogadores dispersaram-se de mãos no ar. O coronel ouviu nas suas

costas o estalido seco, articulado e frio de uma espingarda a ser carregada. Compreendeu que caíra fatalmente numa rusga da Polícia com a folha clandestina no bolso. Deu meia volta sem levantar as mãos. E então viu de perto, pela primeira vez na sua vida, o homem que disparara contra o seu filho. Estava exatamente na frente dele, apontando-lhe o cano da espingarda ao ventre. Era pequeno, meio índio, de pele curtida, e exalava um cheiro infantil. O coronel cerrou os dentes e afastou suavemente com a ponta dos dedos o cano da espingarda.

— Com licença — disse.

Deparou com uns olhinhos pequenos e redondos de morcego. Num instante sentiu-se engolido por esses olhos, triturado, digerido e imediatamente expulso.

— Passe, coronel.³

...7



Não precisou abrir a janela para identificar dezembro. Descobriu-o nos seus próprios ossos quando na cozinha picava frutas para a refeição do galo. A seguir, abriu a porta, e a visão do pátio confirmou a sua intuição. Era um pátio maravilhoso, com a erva e as árvores e a retrete flutuando na claridade, um milímetro acima do solo.

A mulher ficou na cama até as nove. Quando apareceu na cozinha, já o coronel tinha arrumado a casa e conversava com os garotos à roda do galo.

Ela teve de dar uma volta para chegar ao fogareiro.

— Tirem-se do caminho — gritou. Lançou ao animal um olhar sombrio. — Nunca mais me livro desta ave de mau agoiro.

O coronel examinou através do galo o humor da mulher. Não havia nada nele que merecesse rancor. Estava pronto para os treinos. De pescoço e pernas pelados e cartilaginosos, de crista bem talhada, o animal havia adquirido uma figura sóbria, um ar indefeso.

— Vai ver à janela e esquece-te do galo — disse o coronel quando as crianças se foram embora.

— Numa manhã destas até apetece tirar um retrato.

Ela assomou à janela mas o seu rosto não revelou emoção alguma.

— Gostava de plantar rosas — exclamou ao regressar ao fogareiro. O coronel pendurou o espelho no gancho para se barbear.

— Se quiseres plantar rosas, planta-as — respondeu.

Tentou adaptar os seus movimentos aos da imagem.

— Os porcos comem-nas — replicou ela.

— Melhor — rebateu o coronel. — Devem ser muito bons os porcos engordados com rosas.

Procurou a mulher no espelho e verificou que ela continuava com a mesma expressão. Ao brilho do fogo, o seu rosto parecia moldado na mesma matéria que o fogão. Sem dar por isso, de olhos fixos nela, o coronel continuou a barbear-se pelo tato como fizera durante muitos anos. A mulher pensou, num longo silêncio.

— É que não quero plantá-las — respondeu.

— Bom — assentiu o coronel. — Então não as plantes.

Sentia-se bem. Dezembro tinha feito murchar a flora das suas vísceras. Sofreu uma contrariedade nessa manhã ao tentar calçar os sapatos novos. Mas depois de experimentar várias vezes compreendeu que era um esforço inútil e pôs os botins de verniz. A mulher deu pela mudança.

— Se não calçares os novos acabas por nunca os amaciar — advertiu-o.

— São sapatos de paralítico — protestou o coronel. — Só deviam vender o calçado com um mês de uso.

Saiu para a rua estimulado pelo pressentimento de que nessa tarde chegaria a carta. Como ainda não estava na hora das lanchas esperou por D. Sabas no escritório dele. Mas confirmaram-lhe que não chegaria senão na segunda-feira. Não desesperou, apesar de não ter previsto este contratempo. Mais cedo ou mais tarde tem de vir, disse para consigo, e dirigiu-se para o porto, num instante prodigioso, feito de uma claridade ainda totalmente nova.

— Todo o ano devia ser Dezembro — murmurou, sentado no armazém do sírio Moisés. — Uma pessoa sente-se como se fosse de

vidro.

O sírio Moisés teve que fazer um esforço para traduzir a ideia para o seu árabe quase esquecido. Era um oriental plácido, forrado até o crânio por uma pele lisa e esticada, com densos movimentos de afogado. De fato, parecia salvo das águas.

— Assim era dantes — comentou. — Se agora fosse o mesmo eu teria oitocentos e noventa e sete anos. E tu ?

— Setenta e cinco — respondeu o coronel, perseguindo com os olhos o administrador dos correios. Só então descobriu o circo. Reconheceu o toldo remendado no teto da lancha do correio no meio de um montão de objetos coloridos. Por um instante perdeu de vista o administrador para procurar as feras por entre as caixas empilhadas nas outras lanchas. Não as encontrou.

— É um circo — disse ele. — É o primeiro que vem cá desde há dez anos.

O sírio Moisés verificou a informação. Falou com a mulher numa mistura de árabe e espanhol. Ela respondeu das traseiras da loja. Ele fez um comentário para si mesmo e a seguir traduziu a sua preocupação ao coronel.

— Esconde o gato, coronel. Os rapazes roubam-no para o irem vender ao circo.

O coronel preparou-se para seguir o administrador.

— Não é um circo de feras — respondeu.

— Não importa — replicou o sírio. — Os acrobatas comem gatos para não partirem os ossos.

Seguiu o administrador através dos bazares do porto até a praça. Aí surpreendeu-o o turbulento clamor do pavilhão dos galos. Ao passar, alguém lhe disse qualquer coisa sobre o galo. Só então se lembrou de que era o dia marcado para iniciarem os treinos.

Passou de largo pelos correios. Um momento depois estava submerso na turbulenta atmosfera dos galos de combate. Viu o seu galo no meio da pista, sozinho, indefeso, de esporões envoltos em

panos, com um certo medo evidente no tremor das patas. O adversário era um galo triste e pardacento.

O coronel não sentiu a menor emoção. Foi uma sucessão de assaltos iguais. Um choque instantâneo de penas e patas e pescoços no meio de uma alvoroçada ovação.

Lançado contra as tábuas da barreira, o adversário deu uma volta sobre si mesmo e regressou ao assalto. O seu galo não atacou. Rechaçou todos os assaltos e voltou a cair exatamente no mesmo sítio. Mas agora as patas já não lhe tremiam.

Germán saltou a barreira, ergueu-o com as duas mãos e mostrou-o ao público na bancada. Houve uma frenética explosão de aplausos e gritos. O coronel reparou na desproporção entre o entusiasmo da ovação e a intensidade do espetáculo. Pareceu-lhe uma farsa, à qual — voluntária e conscientemente — também os galos se prestavam.

Examinou a galeria circular impelido por uma curiosidade um tanto depreciativa. Uma multidão exaltada precipitou-se pelos degraus para a pista. O coronel observou a confusão de rostos afogueados, ansiosos, terrivelmente vivos. Era gente jovem. Todos os jovens da terra. Reviveu — como um presságio — um instante apagado no horizonte da sua memória. Então saltou a barreira, abriu caminho através da multidão concentrada na arena e enfrentou os tranquilos olhos de Germán. Olharam-se sem pestanejar.

— Boas tardes, coronel.

O coronel tirou-lhe o galo.

— Boas tardes — murmurou. E não disse mais nada porque o fez estremecer a quente e profunda palpitação do animal. Pensou que nunca havia tido uma coisa tão viva nas mãos.

— O coronel não estava em casa — desculpou-se Germán, perplexo.

Interrompeu-o uma nova ovação. O coronel sentiu-se intimidado. Voltou a abrir caminho, sem olhar para ninguém, aturdido com os aplausos e os gritos, e saiu para a rua com o galo debaixo do braço.

Toda a povoação — a gente mais baixa — saiu para o ver passar seguido pelas crianças da escola. Um negro gigantesco em cima de uma mesa e com uma cobra enrolada ao pescoço vendia remédios sem licença numa esquina da praça. De regresso ao porto um grupo numeroso detivera-se a ouvir o seu pregão. Mas quando passou o coronel com o galo a atenção de todos desviou-se para ele. Nunca tinha sido tão comprido o caminho de casa.

Não se arrependeu. Já desde há muito tempo, a povoação jazia numa espécie de torpor, corrompida por dez anos de história. Nessa tarde — outra sexta-feira sem carta —, as gentes haviam despertado. O coronel recordou-se de outra época. Viu-se a si mesmo com a mulher e o filho a assistirem debaixo de um chapéu de chuva a um espetáculo que não foi interrompido apesar de chover. Recordou-se dos dirigentes do seu partido, escrupulosamente penteados, abanando-se com leques no pátio da sua casa ao compasso da música. Quase reviveu a dolorosa ressonância do bombo nos seus intestinos.

Atravessou a rua paralela ao rio e também aí foi encontrar a tumultuosa multidão dos remotos domingos eleitorais. Observavam a descarga do circo. Do interior de uma loja uma mulher gritou qualquer coisa relacionada com o galo. Ele continuou absorto até casa, ouvindo ainda vozes dispersas, como se o perseguissem os restos da ovação do pavilhão dos galos.

Na porta dirigiu-se às crianças.

— Todos para casa — exclamou. — O que entrar corro-o à chicotada.

Pôs a tranca na porta e passou discretamente para a cozinha. A mulher saiu ofegante do quarto.

— Levaram-no à força — gritou. — Eu les disse que o galo não sairia desta casa enquanto eu estivesse viva. — O coronel atou o galo ao pé do fogareiro. Mudou a água da gamela perseguido pela voz frenética da mulher.

— Disseram que o levariam nem que fosse por cima dos nossos cadáveres — prosseguiu. — Disseram que o galo não era nosso mas sim de toda a povoação.

Só quando acabou de tratar do galo o coronel enfrentou o rosto transtornado da mulher. Descobriu sem assombro que não lhe produzia remorsos nem compaixão.

— Fizeram bem — respondeu calmamente. E a seguir, revistando os bolsos, acrescentou com uma espécie de insondável doçura:

— O galo não se vende.

Ela seguiu-o até o quarto. Sentiu-o completamente humano, mas inacessível, como se estivesse a vê-lo no ecrã de um cinema. O coronel tirou do roupeiro um maço de notas, juntou-o ao que tinha nos bolsos, contou o total e guardou-o no roupeiro.

— Estão aí vinte e nove pesos para devolver ao meu compadre Sabas — disse ele. — O resto paga quando vier a pensão.

— E se não vier — perguntou a mulher.

— Vai vir.

— Mas se não vier.

— Pois então não se paga.

Encontrou os sapatos novos debaixo da cama. Voltou ao armário à procura da caixa de cartão, limpou as solas com um pano e meteu os sapatos na caixa, como os tinha trazido a mulher no domingo à noite. Ela não se mexeu.

— Os sapatos devolvem-se — ordenou o coronel. — São mais treze pesos para o meu compadre.

Não os recebem — contrapôs ela.

— Têm de os receber — replicou o coronel. — Só os calcei duas vezes.

— Os turcos não percebem dessas coisas — rebateu a mulher.

— Têm de perceber.

— E se não perceberem.

— Pois então que não percebam.

Deitaram-se sem comer. O coronel esperou que a mulher acabasse o terço para apagar a candeia. Mas não conseguiu dormir. Ouviu as badaladas da censura cinematográfica, e quase a seguir — três horas depois — o toque de recolher. A respiração asmática da mulher tornou-se angustiante com o ar gélido da madrugada. O coronel tinha os olhos abertos quando ela falou com uma voz repousada, conciliadora.

— Estás acordado.

— Sim.

— Vê lá se voltas à razão — disse a mulher. — Fala amanhã com o meu compadre Sabas.

— Só volta na segunda-feira.

— Melhor — replicou a mulher. — Assim tens três dias para pensar melhor.

— Não há mais nada para pensar — rebateu o coronel.

O viscoso ar de Outubro havia sido substituído por uma frescura aprazível. O coronel voltou a reconhecer Dezembro no horário dos alcaravões.

Quando deram as duas ainda não tinha conseguido adormecer. Mas sabia que a mulher também estava acordada. Tentou mudar de posição na cama de rede.

— Não tens sono — perguntou a mulher.

— Não.

Ela pensou um momento.

— Não estamos em condições de fazer isto — disse ela. — Pensa bem no que são quatrocentos pesos juntos.

— Já falta pouco para chegar a pensão — respondeu o coronel.

— Andas a dizer o mesmo há quinze anos.

— Por isso mesmo — respondeu o coronel. — Já não pode demorar muito mais.

Ela fez um silêncio. Mas quando voltou a falar, pareceu ao coronel que o tempo não havia passado.

— Tenho a impressão de que esse dinheiro nunca virá — disse a mulher.

— Virá com certeza.

— E se não vier.

Ele não conseguiu arranjar voz para responder. Ao primeiro cantar do galo, deparou-se com a realidade, mas voltou a mergulhar num sono denso, seguro, sem remorsos. Quando despertou já o sol ia alto. A mulher dormia. O coronel repetiu metodicamente, com duas horas de atraso, os seus movimentos matinais, e esperou pela mulher para tomar o pequeno-almoço.

Ela levantou-se impenetrável. Deram os bons-dias um ao outro e sentaram-se a comer em silêncio. O coronel bebeu uma xícara de café preto acompanhada de um pedaço de queijo e um pão doce. Passou toda a manhã na alfaiataria. À uma regressou a casa e encontrou a mulher a remendar roupa no meio das begônias.

— São horas de almoçar — disse ele.

— Não há almoço — respondeu a mulher.

Ele encolheu os ombros. Foi tapar as brechas da cerca do pátio para evitar que os garotos entrassem para a cozinha. Quando voltou para dentro, a mesa estava posta.

No decorrer do almoço, o coronel compreendeu que a mulher estava a fazer um esforço para não chorar. Essa certeza alarmou-o. Conhecia o carácter da mulher, naturalmente duro, e ainda mais endurecido por quarenta anos de amargura. A morte do filho não lhe arrancara uma lágrima.

Fixou diretamente nos olhos dela um olhar de reprovação. Ela mordeu os lábios, secou as pálpebras com a manga e continuou a almoçar.

— És um desleixado — disse ela.

O coronel não falou.

— És caprichoso, casmurro e desleixado — repetiu ela. Cruzou os talheres sobre o prato, mas em seguida retificou supersticiosamente

a posição. — Toda a vida a comer terra e o resultado é que mereço menos consideração que um galo.

— É diferente — respondeu o coronel.

— É o mesmo — replicou a mulher. — Devias perceber que estou a morrer, que isto que tenho não é doença mas sim agonia.

O coronel não falou enquanto não acabou de almoçar.

— Se o doutor me garantir que vendendo o galo te passa a asma, vendo-o já — disse ele. — Mas se não, não.

Nessa tarde levou o galo ao pavilhão. De regresso veio dar com a mulher à beira de uma crise. Passeava ao longo do corredor, de cabelos soltos pelas costas abaixo, de braços abertos, procurando o ar por cima do silvo dos pulmões.

Assim esteve até o anoitecer. Depois deitou-se sem se dirigir ao marido.

Ruminou orações até pouco depois do toque de recolher. Então, o coronel dispôs-se a apagar a candeia. Mas ela opôs-se.

— Não quero morrer às escuras — protestou.

O coronel deixou a candeia no chão. Começava a sentir-se esgotado. Apetecia-lhe esquecer-se de tudo, dormir de seguida quarenta e quatro dias e acordar a vinte de Janeiro às quatro da tarde, no pavilhão dos galos e no momento exato de soltar o seu galo. Mas sabia-se ameaçado pela vigília da mulher.

— É a mesma história de sempre — começou ela uns segundos depois. — Nós passamos fome para que comam os outros. É a mesma história desde há quarenta anos.

O coronel guardou silêncio até que a mulher fez uma pausa para lhe perguntar se estava acordado. Ele respondeu que sim. A mulher continuou num tom franco, fluente e implacável.

— Toda a gente vai ganhar com o galo, menos nós. Somos os únicos que não temos nem um centavo para apostar.

— O dono do galo tem direito a vinte por cento.

— Também tinhas direito a que te arranjassem um lugar quando te punham a dar couro e cabelo nas eleições — replicou a mulher. — Também tinhas direito à tua pensão de veterano depois de arriscares a pele na guerra civil. Agora toda a gente tem a vida assegurada e tu estás morto de fome, completamente sozinho.

— Não estou sozinho — respondeu o coronel.

Tentou explicar qualquer coisa, mas o sono venceu-o. Ela continuou a falar surdamente até que se apercebeu de que o marido dormia. Então saiu do mosquitoireiro e passeou pela sala às escuras. Aí continuou a falar. O coronel chamou-a de madrugada.

Ela apareceu à porta, espectral, iluminada de baixo para cima pela candeia quase extinta. Apagou-a antes de entrar para o mosquitoireiro. Mas continuou a falar.

— Vamos fazer uma coisa — interrompeu-a o coronel.

— A única coisa que se pode fazer é vender o galo — retorquiu a mulher.

— Também se pode vender o relógio.

— Ninguém o compra.

— Amanhã vou ver se o Álvaro me dá os quarenta pesos.

— Não tos dá.

— Então vende-se o quadro.

Quando a mulher voltou a falar estava outra vez fora do mosquitoireiro. O coronel sentiu a sua respiração impregnada de ervas medicinais.

— Não o comprem — replicou ela.

— Veremos — respondeu o coronel suavemente, sem sinal de alteração na voz. — Agora dorme. Se amanhã não se puder vender nada, pensa-se noutra coisa.

Tentou manter os olhos abertos, mas quebrou-o o sono. Caiu até o fundo de uma substância sem tempo e sem espaço, onde as palavras da mulher tinham um significado diferente. Mas um instante depois sentiu-se abanado pelo ombro.

— Responde.

O coronel não soube se tinha ouvido esta palavra antes ou depois de adormecer. Já nascia a manhã. A janela recortava-se na claridade verde do domingo. Pensou que estava com febre. Ardiam-lhe os olhos e teve de fazer um grande esforço para recuperar a lucidez.

— O que se pode fazer se não se puder vender nada — repetiu a mulher.

— Então já será vinte de Janeiro — respondeu o coronel, perfeitamente consciente. — Os vinte por cento pagam-nos nessa mesma tarde.

— Se o galo ganhar — insistiu a mulher. — Mas se perder. Não te passou pela cabeça que o galo pode perder.

— É um galo que não pode perder.

— Mas supõe que perde.

— Ainda faltam quarenta e cinco dias para começarmos a pensar nisso — replicou o coronel.

A mulher ficou desesperada.

— E entretanto o que comemos — perguntou, e agarrou o coronel pelas bandas do casaco do pijama. Sacudiu-o com energia.

— Diz lá, o que vamos comer.

O coronel precisou de setenta e cinco anos — os setenta e cinco anos de sua vida, minuto a minuto — para chegar a este instante. Sentiu-se puro, explícito, invencível, no momento de responder:

— Merda.

Paris, janeiro de 1957

FIM

O AUTOR

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ nasceu na pequena povoação costeira de Aracataea, Colômbia, em 6 de Março de 1928, onde foi educado pelos seus avós maternos. Mais importante do que qualquer das suas leituras de infância para a sua formação de escritor foram as histórias que a avó, cheia de superstições e de crenças populares, lhe contava e a forte imagem do avô, nostálgico do seu glorioso passado militar nas guerras civis.

Aos 12 anos, Gabo, ou Gabito, como foi apelidado, ingressou no Liceo Nacional em Zipaquirá. Aos 18 anos matriculou-se em Direito na Universidade Nacional de Bogotá. Ali conheceu Mercedes Barcha, com quem viria a se casar em 1958. García Márquez não terminou os estudos de Direito. Em 1950 começou a trabalhar como jornalista em Barranquilla, profissão que exerceu durante anos, dedicando o tempo livre à leitura e às tertúlias literárias. Incansável viajante, viveu no México desde 1961, com um parêntese de oito anos passados em Barcelona. Teve dois filhos, Rodrigo e Gonçalo. [Morreu em 2014.]

A revoada (1955), seu primeiro romance, revela forte influência de William Faulkner; dele e de seu mítico condado de Yoknapatawpha, García Márquez tirou a ideia de dar vida a um espaço fictício que, batizado de Macondo, será o cenário de suas obras mais célebres. A transbordante imaginação deste representante máximo do realismo mágico manifesta-se poderosamente em *Ninguém escreve ao coronel* (1961) e nos oito contos de *Os funerais da Mamãe Grande* (1962) e alcança sua expressão máxima em *Cem anos de solidão* (1967), romance traduzido em mais de doze línguas que conquistou quatro prêmios internacionais. Sua forma de combinar fantasia e história numa narrativa de grande força e invenção linguística deslumbrou

milhões de leitores e desencadeou o chamado *boom* da literatura hispano-americana.

Em 1971, a Columbia University concedeu-lhe o título de *doutor honoris causa*. No ano seguinte, recebeu o Prêmio Rómulo Gallegos, cuja verba entregou ao MAS, partido venezuelano de esquerda. Em 1981, foi distinguido com a Legião de Honra francesa. Em 1982, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.

OBRAS PRINCIPAIS

Romances

O veneno da madrugada (1962)

Relato de um naufrago (1970)

Olhos de cão azul (1974)

O outono do patriarca (1975)

Crônica de uma morte anunciada (1981)

O amor nos tempos do cólera (1985)

O general em seu labirinto (1989)

Do amor e outros demônios (1994)

Notícia de um sequestro (1996).

Contos

A incrível e triste história da Cândida Erêndira e sua avó desalmada (1972)

Doze contos peregrinos (1992)

Crônicas e ensaios

Operação Carlota (1977)

Textos Costeños (1981)

Entrecachacos (1983)

A aventura de Miguel Liftin, clandestino no Chile (1986)

